

*Eloisy Karoliny Almeida dos Santos
Silvia Andréa dos Santos Cruz Maciel*

O Jornalismo Setentinha

*A História da Imprensa Amapaense
na Década de 1970*



**Eloisy Karoliny Almeida dos Santos
Silvia Andréa dos Santos Cruz Maciel**

**O JORNALISMO SETENTINHA:
A História da Imprensa Amapaense
na década de 1970**

editora
da UNIVERSIDADE
FEDERAL DO AMAPÁ



**Macapá
2018**

Copyright © 2018, Eloisy Santos & Sílvia Maciel

Reitora: Prof.^a Dr.^a Eliane Superti

Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Adelmá das Neves Nunes Barros Mendes

Pró-Reitora de Administração: Wilma Gomes Silva Monteiro

Pró-Reitor de Planejamento: Jefferson da Silva Martins

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: Aretha Barros Silva

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Prof.^a Dr.^a Daize Fernanda Wagner Silva

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.^a Dr.^a Helena Cristina Guimarães Queiroz Simões

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. MSc. Adolfo Francesco de Oliveira Colares

Pró-Reitor de Cooperação e Relações Interinstitucionais: Prof. Dr. Paulo Gustavo Pellegrino Correa

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Tiago Luedy Silva

Editor-Chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Artemis Socorro do N. Rodrigues	Marcus André de Souza Cardoso da Silva
César Augusto Mathias de Alencar	Maria de Fátima Garcia dos Santos
Cláudia Maria do Socorro C. F. Chelala	Patrícia Helena Turola Takamatsu
Daize Fernanda Wagner Silva	Patrícia Rocha Chaves
Elinaldo da Conceição dos Santos	Robson Antonio Tavares Costa
Elizabeth Machado Barbosa	Rosilene de Oliveira Furtado
Elza Caroline Alves Muller	Simone de Almeida Delphim Leal
José Walter Cárdenas Sotil	Simone Dias Ferreira
Luis Henrique Rambo	Tiago Luedy Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237j Santos, Eloisy & Maciel, Sílvia.

O Jornalismo Setentinha: a história da imprensa amapaense na década de 1970 / Elois Karoliny Almeida dos Santos & Sílvia Andréa dos Santos Cruz Maciel – Macapá : UNIFAP, 2018.

114 p.

ISBN: 978-85-5476-027-4

Coleção Narrativas & Memórias / ISBN: 978-85-5476-025-0

Organizadora: Roberta Scheibe

1. Jornalismo. 2. Imprensa. 3. Memória. 4. Amapá (Esta do). I. Eloisy Karoliny Almeida dos Santos. II. Sílvia Andréa dos Santos Cruz Maciel. III. Fundação Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

CDD: 070

Diagramação e Capa: Sílvia Andréa Maciel



Editora da Universidade Federal do Amapá

Site: www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, Campus Marco Zero do Equador
Macapá-AP, CEP: 68.903-419

Agradecimentos

Por Eloisy Santos

Agradeço a Deus pelo discernimento e força concedidos para superar os obstáculos ao longo da caminhada acadêmica e pessoal. Sou grata a meus pais, esposo e filha, que de forma direta e indireta estiveram sempre ao meu lado, me dando apoio e suporte. Agradeço aos amigos, em especial à Andréa Maciel, que foi a melhor parceira que poderia ter tido para desenvolver este sonho que agora se torna realidade.



Por Silvia Andréa Maciel

À Deus por mais esta vitória, à minha família por sempre ajudar a realizar meus sonhos e apoiar minhas decisões. Aos amigos que de alguma forma contribuíram para que eu me tornasse uma jornalista. À Eloisy por sua amizade e parceria ao longo do curso e na produção deste projeto, compreendendo as dificuldades de uma grávida. Ao Raphael pelo companheirismo e por me ajudar a concluir o curso mesmo com a Ana na barriga e à minha pequena Ana Alice, por dar novo sentido à minha vida e me fazer não desistir de finalizar este livro.



Prefácio

Criativo, combativo, resistente. Assim se caracterizou o jornalismo produzido no Estado do Amapá nos anos de 1970. O Livro-Reportagem perfil: “O Jornalismo Setentinha: A História Da Imprensa Amapaense Na Década De 1970”, é uma reunião de relatos de jornalistas que trabalharam e outros que ainda trabalham no jornalismo amapaense praticado no período citado. O livro resgata memórias destes profissionais que, ao relembrar, revivem fatos, histórias e lembranças dos cenários sociais e culturais do jornalismo na década em questão.

“O Jornalismo Setentinha: A História Da Imprensa Amapaense Na Década De 1970” é o resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), na modalidade Projeto Experimental, de Eloisy Karoliny Almeida dos Santos e Silvia Andréa dos Santos Cruz Maciel, sob minha orientação.

Este livro-reportagem se revela denso e corajoso porque tem a capacidade de preencher uma lacuna na história social do Amapá, bem como no seu jornalismo. O livro detém uma minuciosa pesquisa e contém capítulos com longas histórias narradas por quem tem conhecimento e experiência participativa nas histórias, nos contextos e representações aqui vividos, sentidos, praticados. Os entrevistados, ao longo do livro, ajustam tempos, memórias, testemunhos e vozes. Ou seja, há, aqui, relatos de pessoas que foram testemunhas oculares da história do Amapá.

Esta imersão no tempo do jornalismo local esteve focada nos veículos de comunicação de jornal impresso, rádio e televisão, que brotaram na década de 1970; e também daqueles veículos que surgiram em perí-

odos anteriores a década em questão, mas que continuavam em prática na década pesquisada. Em função dos relatos, o livro se caracteriza como jornalístico de perfil biográfico, com fortes elementos de narração e descrição. A pesquisa de campo e a apuração jornalística tiveram pesquisa histórica e documental. O método do presente texto é etnobiográfico, porque une observação e histórias focadas em personagens; envolvendo entrevistas em profundidade e histórias de vida.

Este livro integra a coleção Narrativas & Memórias, que pertence ao projeto de pesquisa “Narrativas e Memórias: A experiência da reconstrução de si no ato de narrar”; que prioriza reportagens, etnografias e etnobiografias produzidas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo, bem como nas produções realizadas neste projeto de pesquisa.

A coleção objetiva evidenciar temáticas locais à luz de uma narrativa densa, com descrição, aprofundamento das pautas, narração cena-a-cena, uso de diálogos e de ferramentas do jornalismo literário, que proporcionam elementos de humanização das histórias contadas.

Prof. Dra. Roberta Scheibe
Orientadora deste livro-reportagem. Professora do curso de
Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)



Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 - Ruy Guarany	9
Capítulo 2 - Evandro Luiz	16
Capítulo 3 - Edgar Rodrigues	31
Capítulo 4 - Alcinéa Cavalcante	45
Capítulo 5 - Humberto Moreira	59
Capítulo 6 - João Silva	78
Capítulo 7 - Pequenos Retalhos de Vida	91

Introdução

O livro-reportagem que você tem em mãos retrata o cenário jornalístico do Amapá dos anos 70, quando estavam em vigência três principais meios de comunicação: jornal impresso, rádio e televisão. Este último começou a ser implantado no Estado em 1972, em uma época onde a internet e tão pouco as redes sociais - que hoje não conseguimos viver sem -, ainda nem existiam.

A ideia de escrever sobre este tema surgiu da curiosidade e necessidade que nós, jornalistas em formação e pessoas interessadas em suas raízes, sentimos de conhecer mais sobre a realidade de um passado não tão distante, da profissão que escolhemos para nossas vidas e da história de nossos bisavós, avós e pais.

Durante nossas pesquisas descobrimos que existem poucas bibliografias relacionadas à história do jornalismo amapaense e suas origens, e isso fica ainda mais nítido quando o assunto é o período de 1970 a 1979. Este foi um dos maiores motivos que nos levaram a concretizar esta ideia e levar adiante o sonho de produzir um livro com conteúdo interessante e envolvente para todos os públicos: jovens, adultos, idosos, estudantes, curiosos, simpatizantes da comunicação, professores, etc. Você com certeza se encaixa em algum e se assim não for, melhor ainda, pois ultrapassamos as metas estipuladas por estas jovens escritoras.

Este material bibliográfico contém o misto de jornalismo e literatura, de poesia e crítica, de emoção e realismo, tudo isso pensado e produzido por meio da linguagem e estilo textual inspirados na vertente do Novo Jornalismo.

Foram ouvidos e constam neste livro falas de profissionais que atuaram no período e que expuseram seu olhar frente àquele cenário. As

autoras embasaram os relatos em consultas a especialistas, como historiadores locais, e também ouvindo pessoas comuns, que escutavam em suas casas as programações no rádio, assistiam os noticiários televisivos, novelas em meio aos vizinhos, ou folheavam os jornais para conferir o que ocorria na cidade, no Estado.

Constam nesta obra, fatos históricos importantes para qualquer cidadão, como a influência da Ditadura Militar; a oposição entre as rádios Educadora e Difusora, uma defendendo os interesses do governo em vigência e outra “batendo de frente” com a primeira, sendo muitas vezes a única voz da juventude contestadora; a implantação da Polícia Militar; o naufrágio do navio Novo Amapá. Fatos que estão presentes na narrativa de cada personagem e ajudam a contar a história do jornalismo amapaense e um pedaço da história do próprio Estado.

Eles são narrados por meio das memórias dos personagens: Ruy Guarani, Evandro Luiz, Edgar Rodrigues, Alcinéa Cavalcante, Humberto Moreira e João Silva, que você conhecerá um pouco mais nas próximas páginas. Além do bônus das memórias de “gente como a gente” no último capítulo, denominado Pequenos retalhos de vida.

Caro leitor, esperamos que você seja envolvido pela magia da leitura e consiga se transportar para cada cenário descrito nos capítulos aqui contidos, com parágrafos leves e atraentes, repletos de lembranças, recordações, saudade e experiências. Que todas as histórias aqui registradas possam lhe fazer refletir sobre o que mudou, o que evoluiu e até mesmo sobre em que aspectos o jornalismo tucuju retrocedeu, visto que os próprios personagens expuseram seus pontos de vista sobre o assunto. Boa leitura!

Capítulo 1 - Ruy Guarany

“Foi uma febre, todo mundo queria televisão”

Ruy Guarany Neves relata como foi a implantação da TV no Amapá



Foto: Eloisy Santos

Eloisy Santos

- Aí foi uma alegria imensa, toda a população ficou animada! Era a primeira vez que víamos a transmissão de um evento mundial, aqui, no Amapá. A Copa do mundo em nossas casas! – Conta Ruy Guarany em meio ao leve balanço de sua cadeira. O cenário é a varanda de sua casa, com plantas, cantos de pássaros e o barulho de carros na rua, em meio a chuva que hora estava forte, hora estava fina na capital, Macapá. Este é o local onde Ruy recebe Silvia Andréa Maciel e eu, Eloisy Santos.

Ruy Guarany Neves é formado como Técnico em Transmissão. Atualmente está aposentado, mas não deixa sua grande vocação, o jornalismo. Mesmo com a idade já avançada, as palavras e a escrita continuam vivas e latentes em seu interior, e para suprir essa necessidade, ele atua como jornalista formador de opinião escrevendo textos opinativos em jornais locais.



Nasceu em 03 de agosto de 1930 no município de Oiapoque, uma cidade amada, porém pequena, que obrigou o jovem Ruy a ir além e tentar a vida na cidade grande, a capital do estado do Amapá.

E foi nessa cidade não tão grande geograficamente, mas com tamanho ideal para um jovem sonhador, que a relação de amor com o jornalismo aflorou. Por reconhecimento das pessoas de poder da época e por sua vontade de evoluir, participar de algo grandioso, ele conseguiu um grande feito: trabalhar com a comunicação.

Em uma cidade onde somente as ondas do rádio eram a realidade, Ruy viu além, sonhou alto e foi atrás. Conversou com as pessoas certas, despertou o interesse do Governador, na época José Lisboa Freire, pela implantação da Televisão no Estado do Amapá. Parecia um pequeno passo, mas era o início de tudo.

Se você possui uma televisão de LCD, com acesso à internet, imagem nítida e uma inúmera quantidade de canais a sua disposição, provavelmente não imagina sua vida sem este utensílio, mas antes de 1974 era assim, nada de grandes recursos televisivos. É uma obrigação lhe dizer que Ruy Guarany é um dos responsáveis por isso: a TV e consequentemente toda a evolução que veio depois disso, incluindo os noticiários jornalísticos.

Lembra da transmissão da Copa do Mundo mencionada no início do texto?

- Antes da copa, a estação geradora de televisão começou a funcionar no prédio da Rádio Difusora. Aí foi uma alegria imensa, toda a população ficou animada! - lembrou Ruy, com um largo sorriso no rosto e saudosismo estampado em seu olhar.

Pois é, esta foi só uma das grandes novidades visuais que os amapaenses teriam contato, agora que certas barreiras tecnológicas foram derrubadas, campeonatos importantes como este seriam uma realidade,

fariam parte do calendário local e seriam esperados com a reunião de diversos amigos para assistir ao espetáculo na casa de quem possuía um aparelho de TV.

Os jogos não eram transmitidos em tempo real. Na nossa cidade vizinha, Belém-PA, as coisas sempre são um pouco mais evoluídas do que aqui, e naquela década o mesmo acontecia. Para que os amapaenses pudessem assistir aos grandes nomes do futebol jogarem em estádios lotados, com uma torcida enlouquecida os incentivando, um longo procedimento acontecia antes. Todo o conteúdo do jogo era gravado em tapes, trazidos de lá – Belém - para cá, em aviões do governo:

- Vê só o sacrifício – conta Ruy - durante a copa do mundo, em 74, não havia transmissão direta para cá, então o quê que acontecia: o avião do Governo ficava pronto, preparado para partir a qualquer hora “aí” e se mandava para Belém. A rádio Guajará mandava o tape - detalhou Guarany, dando gargalhada ao lembrar de todo o procedimento realizado até que o tape chegasse em solo amapaense.

Os paraenses acompanhavam o jogo até o apito final, enquanto os amapaenses só ficavam sabendo do resultado horas mais tarde, o que de nada minimizava a vibração a cada chute, cada passe, cada drible, cada gol que rolava na partida.

- A gente assistia ao jogo aqui aos retalhos, né?! Trazia um tape e passava aqui. Trazia outro e passava. (Neste momento um carro para, frente à garagem de Ruy e buzina. Sua esposa então sai de sua casa e dá o ar da graça).

E se a transmissão de um jogo gravado já era emocionante, imagine a primeira transmissão de telenovela? Sim, caro leitor. A novela que você assiste todos os dias, que te desperta diversos sentimentos, como o encanto e torcida pela mocinha, a raiva e repulsa pela vilã, a paixão pelo galã...Nada disso fazia parte daquela realidade, mais de 50 anos atrás.

Mas esse momento chegou, a transmissão da primeira novela,



ainda em preto e branco. “Meu Pedacinho de Chão” veio para coroar a nova era que se inicia. Quando dava seis horas da noite quem tinha o televisor em casa reunia a família, os amigos, os vizinhos, periquito, pagão, todos com olhares vidrados em cada cena da trama. Todos os dias o ajuntamento de pessoas acontecia.

- Com Meu pedacinho de chão, era tudo que é televisão ligada - lembrou Ruy.

Era uma festa, todos prontos para assistir a mocinha, o vilão, o espertalhão e todos os outros personagens. A personagem principal, professora Juliana, era amada por todos. Lecionava na Vila de Santa Fé. A comunidade era retraída, muitos submissos aos mandos e desmandos do coronel Epaminondas, um homem arrogante e prepotente, pai de Ferdinando que assediava Juliana enquanto ela, só tinha olhos para o peão Zelão.

Esses avanços espetaculares só foram possíveis com a implantação do sinal de televisão. Ruy conta que no ano de 1972 participou do grupo de estudo para verificar a viabilidade de implantação da TV em Macapá. Até esse momento histórico existia apenas o sinal de TV vindo da Venezuela ao qual pouquíssimas pessoas tinham acesso. Na época ainda eram fortes como meios de comunicação as emissoras de rádio e o tradicional jornal impresso.

- Havia um interesse muito grande da população em trazer a televisão para o Estado. Mas nada dava certo, até que conseguiram improvisar umas antenas e conseguiram receber o sinal da Venezuela. Foi uma febre, todo mundo queria televisão, queria televisão - relatou o jornalista ao ser indagado sobre como a população local lidava com a ideia de criação de uma TV em solo tucuju.

O hoje estado do Amapá ainda era Território Federal do Amapá (TFA) quando o então governador José Lisboa Freire criou, em 72, após conversa com o jornalista e com outros interessados no assunto, o grupo



de trabalho que viria a ser gerenciado por Ruy, nomeado superintendente de telecomunicações do TFA. Os estudos queriam tornar real a instalação de uma geradora de TV na capital, projeto este que precisava da aprovação do ministro das comunicações da época, Euclides Pontes de Oliveira, nomeado por Geisel, então presidente da República, para que fosse posto em prática.

- Nós levamos três meses analisando, apresentando o trabalho com diagrama de setor, tabulamento de dados (...) sugerimos então a criação de uma empresa para explorar. Lisboa Freire foi então falar com o ministro, que o autorizou. Passou-se um ano e assumiu outro ministro, Artur de Azevedo Henning, que me chamou e sugeriu que comprássemos um aparelho para televisão - detalhou Ruy.

Já estava tudo dominado. A ideia havia recebido o veredito positivo dos gestores, havia profissionais competentíssimos no comando do projeto e agora era para valer! O grupo de estudo então efetivou a compra do aparelho gerador, que um ano depois foi instalado no prédio da Rádio Difusora de Macapá (RDM), antes da Copa do Mundo de Futebol, em 1974. A TV passou a ser desde então a menina dos olhos, o magnífico acontecimento, a moda do momento.

Transmissão direta e em cores

Ruy Guarany ainda fez questão de contar que após o boom da TV em preto e branco, maior ainda foi a emoção de ver aquele objeto ainda curioso e que estava presente na maioria dos lares amapaenses, deixar de ser preto e branco e passar a ganhar tom, cor, luz, brilho, contraste, vida.

A transmissão começou a se desenvolver entre os anos 1976 e 1978, com a chegada da Embratel ao Estado. O então governador Henning tinha estreita relação com o ministro das comunicações na época. Ele “forçou a barra”, enfatizou Ruy, com o ministro até que conseguiu trazer a Empresa. O processo então foi se modernizando.



- Aí começou a transmissão a cores aqui (risos). Antes era preto e branco e agora passou a acontecer com transmissão direta e a cores.

O carro parado na frente da casa de Ruy buzina novamente, em meio a pingos cada vez mais fortes de chuva. A esposa dele então sai novamente da casa e abre o portão, ela se direciona ao carro estacionado. Ao fechar o portão faz um barulho alto que pôde ser captado por nosso gravador de áudio, mas nada que atrapalhasse o bom andamento de nossa entrevista. Em meio à esta barulheira toda, Ruy ainda comenta que:

- O Bem Amado – referindo-se à segunda novela transmitida em rede nacional pela TV Globo - já passou direto. O jornalista ainda comentou que esta novela já foi transmitida em cores, diferente de “Meu pedacinho de chão”, a primeira exibida, ainda em preto e branco.

Algum tempo depois, ainda na década de 70, para manter o domínio da TV, o governo precisava criar uma fundação. Como isso não foi viável no momento, o governador decidiu vender. A TV Amazonas então comprou e ampliou o serviço.

As primeiras emissoras de TV do Estado e o jornalismo da época

De acordo com Edgar Rodrigues, em seu texto intitulado “As Comunicações Sociais no Amapá”, havia poucas emissoras de TV atuantes no Estado na década de 70. As únicas eram: TV Amapá – Canal 6, fundada entre os anos de 1974 e 1975; TV Oiapoque e TV Cabralzinho, ambas fundadas em 1978 filiadas à TV Amapá e TV Equatorial – Canal 8, fundada em 1978.

Ruy Guarany confirma a existência destas emissoras e nos conta um pouco de como era o jornalismo da época:

- As informações repassadas eram somente as de interesse do governo. A TV era ainda muito restrita. Até tentamos colocar no ar uma

TV educativa, mas sem sucesso, pois somente uma fundação poderia explorar esta área, coisa que o estado ainda não possuía - disse Ruy.

Quando instigado ainda mais a falar sobre o jornalismo da década de 70, o jornalista foi enfático ao comentar sobre o que mudou:

- Hoje o jornalismo está muito desenvolvido. Não sinto falta daquela época (...) Era difícil conseguir pessoas para entrevistar, só tínhamos um deputado – soltou uma gargalhada engraçada que até a repórter caiu na risada - e o governador era nomeado pelo presidente, muita coisa ficava camuflada, pouco era divulgado, ou se permitia divulgar – pontuou o jornalista.

Um termo muito curioso utilizado por Ruy durante a entrevista foi “malhar”. Para ele, o jornalismo da década de 70 não malhava o governo, pois este era “o poder”. A partir do momento em que a imprensa começou a “malhar” os responsáveis por problemas sociais, as coisas começaram a mudar de figura.

- O Brasil só não está pior por causa da imprensa, ela se tornou o 4º poder, e evoluiu tanto porque se tornou investigativa -, disse Ruy Guarany, cheio de orgulho, comemorando com um sorriso no rosto o fato de atualmente a comunicação local atuar cada vez mais em busca da formação de opinião e de manter a sociedade cada vez mais intelectual e menos ignorante, no que diz respeito a todas as esferas da sociedade

Este ano Ruy comemora seus bem vividos 87 anos, oito décadas de história pessoal que se confunde com a história de seu estado, de nosso estado.

Capítulo 2 - Evandro Luiz

“Ela estava ligada, e pasmem... era verdade, tinha pessoas se movendo e falando em alto e bom som, lá dentro”

As memórias do jornalista Evandro Luiz Pinheiro sobre o “papel Celofane”



Foto: Eloisy Santos

Silvia Andréa Maciel

- Nunca tínhamos visto imagem e som saindo ao mesmo tempo e de um aparelho como aquele. Meus pais tinham rádio, liam jornal, a gente estava acostumado a ouvir e ler, mas a união dos sentidos da visão e da audição para receber informações externas, isso era novidade. Eu lembro que as imagens eram em preto e branco, mas as pessoas queriam ver tudo como se vê ao vivo, queríamos cores, porém, como a tecnologia não permitia ainda. – Ri o homem por trás dos cabelos grisalhos que muito gesticula entre uma fala e outra.

- Pelo menos era assim no começo. - Ele acrescenta buscando nas memórias mais antigas de sua infância. - Nas casas de pessoas com mais dinheiro e que podiam comprar o aparelho de televisão.

É uma tarde calma, com o sol no limite, sem o costumeiro calor



extremo de Macapá. O cenário da entrevista é um pequeno escritório, com uma mesa redonda bege, um computador no canto da parede logo atrás das costas do entrevistado, diversas fotos nas quatro paredes do cômodo, imagens religiosas e familiares dando o ar de aconchego que um lar precisa. Já apresentados, ele continua sua narração.

- Eu vi tudo muito no começo, mas só porque me esgueirava em uma casa grande e bonita que ficava perto do Palácio do Governo, que pertencia a um grande empresário do setor madeireiro. De vez em quando ligavam a TV e ainda moleque, curioso e aventureiro, a gente ficava no muro para tentar ver alguma coisa naquele quadrado preto com uma tela, que muitos diziam que um dia sairiam imagens de lá.

É possível perceber através de seu olhar vago e sorridente que aquelas lembranças eram de uma infância feliz. O ambiente é cômodo e aconchegante, não há barulho, somente o som das vozes das três pessoas que estão no recinto. Perfeito para uma boa história.

- O dono sempre nos expulsava e dizia que não tava funcionando. Até que um dia, para a minha felicidade e dos demais moleques bisbilhoteiros, ela estava ligada, e pasmem...era verdade, tinha pessoas se movendo e falando em alto e bom som, lá dentro. A imagem tinha muito chuva, mas isso não importava. Era um verdadeiro acontecimento. As pessoas dentro da caixa eram todas azuis, fruto de um papel colorido transparente cuidadosamente colocado na frente da tela – Ele pausa, sai de sua torpe e olha para as entrevistadoras questionando – Como é o nome desse papel mesmo?

Quando escrevo este texto logo lembro em meio às histórias que ouvia da minha avó paterna, que esse papel era colocado em frente a tela. Rapidamente lhe respondo: - Papel Celofane! Minha avó utilizava também.

Todos riem na sala.

- Verdade! Era o papel celofane. Lembro que aquela era uma experiência maravilhosa, mas não durava muito porque logo aparecia o dono



da casa e nos expulsava – conta Evandro, rindo das aventuras que aprontava quando menino.

Essas são algumas das memórias do jornalista Evandro Luiz Piniheiro de Souza, 65 anos e amapaense. Formado em jornalismo em 1986 no Rio de Janeiro, na Faculdade de Comunicação Integrada José de Alonzo, trabalhou durante 30 anos na TV AMAPÁ, história que começou em 86, como repórter de rua.

Foi apresentador de diversos programas da emissora, redator e chefe de redação. ‘Um verdadeiro clínico geral’, como ele mesmo enfatiza. Em 2016, por motivos de saúde, pois o mal de Parkinson já estava atrapalhando sua desenvoltura em frente à TV e precisava cuidar da doença, se afastou da tela do plim-plim e aposentou-se.

Evandro reafirma que ainda não trabalhava na área do jornalismo quando o primeiro sinal de televisão foi ativado, mas garante que mantém viva em sua memória a lembrança do sentimento que era vivenciar aquela experiência única de ouvir as vozes que antes eram transmitidas somente pelo rádio e agora eram acompanhadas por imagens em movimento, graças a TV.

Na época da implantação da TV no Amapá, em 1974, Evandro trabalhava na extinta guarda territorial do Amapá, carreira que iniciou no ano de 1972 e no ano seguinte ele e seus companheiros de farda foram encaminhados em uma viagem a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, localizada no sul do país, mas o porquê desta viagem eu conto mais a frente, nas próximas páginas e tem a ver com um certo acontecimento denominado “engasga engasga”. Mas, calma, vamos manter o pensamento atual.

E na antiga guarda, assim como na cidade toda, ninguém acreditava que “esse negócio” de televisão daria certo em Macapá. O rádio era a grande atração, ele imperava.

- Na época o rádio era a sensação, era comum reunir a família em



torno do rádio para acompanhar a programação. Ele supria as nossas necessidades de notícias, entretenimento e informação, mas a televisão veio para inovar, - confirma.

Acostumado com entrevistas, apesar de estar mais acostumado a ser o entrevistador, ele se aproxima mais do gravador colocado a sua frente na mesa. Como jornalista experiente, sabe da importância de uma boa captura de som para que o material seja útil no futuro.

Sua história já como Policial Militar estava com os dias contados. Outra paixão tomaria conta de sua realidade. Tudo começou a mudar quando após 8 anos na polícia, seu irmão plantou uma semente de mudança que logo germinou, ele convidou Evandro para morar com ele no Rio de Janeiro, e ele foi.

- Para mim foi um grande choque cultural. Imaginem vocês saindo de uma cidade pequena que ainda era Território e ir morar em uma cidade como o Rio de Janeiro, que já era muito avançada naquele tempo – compara.

Permaneceu na cidade maravilhosa de 1978 a 1986. Foi nessa época que o jornalismo surgiu em sua vida. Evandro iniciou o curso e logo se identificou com a profissão. Ele acumulou as experiências e vivências da cidade grande, aliada aos novos conhecimentos que a comunicação social lhe apresentava. Após formar-se o bom filho a casa retornou e veio o convite para integrar a equipe da TV AMAPA.

Damos uma pausa para fazer algumas fotos e Evandro sempre solicito pergunta se está boa a pose que faz no momento – Querem que eu faça assim? Ou assim é melhor? – Questiona mudando de posição. Ao fundo vemos o sol atravessar a janela que fica ao lado do computador, iluminando o pequeno cômodo.

“Quando a concessão foi dada, ninguém quis”: A televisão e a dé-



cada de 70

A comunicação da década de 70 foi marcada pela implantação do sinal de televisão. Um momento mágico e divisor de águas para a população de um pequeno território federal até pouco tempo, que então se deparava com toda esta modernidade. As pessoas ainda se espantavam com aquela pequena caixa de onde não somente saíam vozes como o já querido rádio, mas também saíam imagens, imagens em pleno movimento. O fato de ser tudo em preto e branco, com uma imagem cheia de chuviscos e um som cuja maior característica positiva definitivamente não era a nitidez... nada disso atrapalhava a experiência rica que estavam vivendo. A reunião da família e dos amigos em volta da TV.

Para Evandro a TV foi motivo de grande curiosidade de toda a população e adquiriu grande importância para os moradores do interior do estado, porque levava mensagens, notícias, entretenimento: - Essa era a grande característica da época. - Ressalta.

O engraçado é que por incrível que pareça os empresários locais não acreditavam que daria certo. O negócio mesmo era o rádio. Por isso quando a concessão foi dada, ninguém quis, então o governo teve que oferecer para outros empresários de outros estados. Foi tudo gratuito, você acredita nisso? – diz perplexo com a situação de desinteresse, e continua – Foi então que o empresário de Manaus, com sua visão futurística e o objetivo de fazer a integração da Amazônia por meio da comunicação, aproveitou essa grande oportunidade e assumiu o sinal. Assim nasceu meu local de trabalho durante tantos anos, a TV AMAPÁ. – Lembra Evandro que já se encontra em total estado de recordação e nostalgia.

Evandro se concentra em determinado ponto da sala, mas não em algo específico, apenas para manter seu olhar vago e pensativo. A expressão mostra que ele está se recordando dos momentos felizes vividos na profissão que tanto ama, que se confunde com a própria história do veículo de comunicação onde trabalhou durante toda a carreira.

Quando questionado sobre como transcorria o jornalismo televisivo no longo período em que atuou na televisão, Evandro conta que não era muito diferente do período de sua implantação:

- A gente colocava você em frente à câmera, - conta Evandro olhando para as entrevistadoras e gesticulando com os polegares e os indicadores fazendo menção à tela da televisão -, e você falava ininterruptamente durante uns 10, 15 minutos, você contava a história. Agora imagina como isso era cansativo de fazer e de assistir também. Tinha muita entrevista de estúdio, - essa era outra grande característica, diz ele, ressaltando a importância deste ponto, pois futuramente ele contribuiria para mudar esta realidade, e finaliza - Não existia matéria externa, mas para a época era uma maravilha, uma inovação.

E as pautas? Os tipos de matérias? - Questiono. Evandro garante que eram simples: - Acontecia um pequeno desastre. Contávamos o desastre. Teve um crime? Contávamos o crime. Eram acontecimentos simples do cotidiano amapaense que a gente narrava em frente às câmeras.

E ele ainda acrescenta um ponto que até hoje é realidade nas redações. Não existia repórter específico para apenas um assunto, como economia, esporte ou polícia, tudo era falado por todos, noticiado por todos, - enfatiza. - E para quem conhece as redações amapaenses atuais, sabe que esta é a realidade - reafirma.

Como Evandro disse no início da entrevista, os jornalistas são verdadeiros clínicos gerais.

Enquanto atuava como repórter, era um inconformado; no sentido mais positivo da expressão. Foi sua iniciativa e não aceitação da forma como o noticiário era apresentado que o fez dar uma de suas “maiores contribuições para o jornalismo amapaense”, como ele mesmo afirma. Os avanços vistos e vividos durante seu período de moradia e estudos no Rio de Janeiro também contribuíram para que as ideias surgissem e nosso



personagem as compartilhasse com os colegas de emissora.

- Dei a ideia de contar a história da TV Amapá, mas a grande sacada era não somente ficar na frente da câmera falando, pois isso cansa, mas sim pegar a história, organizar e captar imagens que ilustrem essa história, - conta animado com as lembranças que vem a sua mente, - Houve resistência, mas depois que eu fiz uma matéria sobre a imprensa, no Dia da Imprensa: mostrei a Fábrica São José, eles fazendo jornal, mostrando o logotipo, as máquinas, todo o processo que antecede o momento em que o leitor vai à banca de jornal, compra seu exemplar e o lê. Quando mandei para o nosso editor, pedi mais coisas, pedi para que fosse “colando” as imagens enquanto eu falava ao fundo, eu estava disposto a fazer uma matéria bem feita e inovadora para o povo amapaense. Quando o material ficou pronto, todos gostaram, viram que era mais interessante e atrativo. Viram que era possível de fazer. Acho que essa foi a minha maior contribuição e importância dentro do jornalismo.

O sucesso foi tão grande que os convites começaram a chegar, propostas de trabalho, salários convidativos, oportunidades de crescimento. Evandro soube avaliar as opções e abraçar as que mais lhe agregavam valor, e quando falo em valor, não é necessariamente o monetário, mas sim o valor profissional e de conhecimento. Uma das propostas recebidas foi a de assessorar uma personalidade política do sexo feminino, bastante atuante na época, cuja identidade o jornalista pediu para manter em sigilo. - Com o gravador desligado, o nome foi revelado.

Ele guarda na memória um acontecimento muito curioso neste período: o “engasga engasga”

- As pessoas não podiam sair de casa, pois existia uma pessoa com molas nas pernas que saia na rua para engasgar as pessoas. A cidade ficou em polvorosa. Era um desespero. Todos os noticiários narravam os acontecimentos, os poucos detalhes apurados e os relatos dos moradores que diziam ter visto o suspeito passando em frente às suas casas. - Conta



Evandro relembando uma notícia que ganhou grande repercussão na década de 70.

Seu maior conhecimento sobre o caso deve-se a atuação na guarda territorial, ele conhecia muito bem a cidade e as notícias mais interessantes que eram as do setor de polícia, característica que se repete nos no cenário jornalístico atual.

O engasga engasga deixou a população amapaense muito preocupada, o medo era evidente nos olhos dos moradores locais, as pessoas se trancavam em casa cedo e quem não cumpria o ritual logo afirmava que vira o peculiar suspeito.

- A guarda territorial foi muito cobrada. Queriam que pegássemos o infrator o quanto antes, mas o curioso é que nunca houve prova da existência deste meliante, nem pessoas engasgadas de verdade, era apenas um boato que tomou proporções tão grandes ao ponto de mobilizar todo mundo e causar certo pânico. - Afirma.

Mas tanto suspense é logo finalizado quando Evandro revela o que realmente havia por trás do engasga engasga. De acordo com as investigações da época, diversos relatos confirmam que realmente não passava de um boato, mas que possuía um propósito, ele foi inventado como forma de forçar a instalação da Polícia Militar no Amapá.

- Nós tínhamos pouco orçamento e aparato para atuar em casos de grande repercussão como esse. Se alcançássemos o status de polícia, mais verba e apetrechos receberíamos e a população sabia disso. - Confessa nosso personagem.

- E foi o que aconteceu. Logo depois que essas notícias preocupantes apareceram e viu-se que nós (a guarda territorial) não tínhamos os mecanismos, nem a preparação certa para solucionar este tipo de caso, foi que começaram a estudar a possibilidade de instalar a polícia. - E ele



ainda comenta, - Pra vocês verem, foi preciso uma notícia inventada que levasse a população a um certo desespero para que algo tão necessário quanto a polícia militar fosse implantada no Amapá, - ele ri ironicamente.

Lembram da viagem a Belo Horizonte que mencionamos no início do texto? Esta foi a viagem resultante deste boato, pois para que os guardas territoriais se tornassem policiais deveriam realizar o curso de capacitação que acontecia naquele estado. Evandro passou a ser um sargento da primeira turma da Polícia Militar e quando ele e seus colegas voltaram ao Amapá, ainda participaram de operações em busca da captura das pessoas envolvidas no caso, mas elas nunca foram encontradas. As pessoas continuavam dizendo que ouviam gritos nos quintais, diziam que viam o meliante, mas nunca houve prova real de sua existência. Com o passar do tempo e a implantação da Polícia, os boatos diminuíram, até caírem no esquecimento.

- Pelo menos é o que sabemos, pois os detalhes somente quem possuía eram os policiais de alta patente da época. Mas é muito nítido em minha memória a sensação de medo que assolava todo mundo, - Diz de forma nostálgica e incisiva.

“Influência, influência não tinha”

É isso que Evandro diz quando perguntamos se a imprensa da época possuía alguma influência sobre a população e se já possuía status de quarto poder. Ele explica o porquê:

- Assim como nos dias atuais, a imprensa dependia muito do Governo, pois não tínhamos e não temos uma indústria forte, nosso setor privado também depende do governo... a TV Amapá teve um fortalecimento para diminuir essa dependência, por exemplo, eles tinham que atingir uma meta para não depender das verbas que eram repassadas pelo governo, - confessa. - Sempre atuamos com certas amarras e isso dificulta. - lamenta o profissional que conseguiu driblar essas mordças e construir uma carreira reconhecida tanto pelos demais colegas quanto



pelo público em geral.

Logo em seguida, Evandro lembra de uma exceção que não pode deixar de ser mencionada. O fato de existir amarras, não impediu que houvesse uma certa oposição ao sistema em vigência e o veículo responsável por isso foi a Rádio Educadora São José.

- A difusora era a porta-voz do Governo, já a Rádio Educadora ia em contrapartida a isso, ela destoava dessa linha editorial. Era a 'casa' onde estavam os rebeldes, até porque a igreja sempre esteve ao lado do poder, mas nem sempre estiveram juntos. Então onde estava o poder, a igreja estava também, mas as vezes em lados opostos, pois não comungavam do mesmo pensamento e postura. Foi nesta época que existiram padres como Caetano Maé, Domênico Botan, cujos posicionamentos eram bastante à esquerda para a época. Tanto é que o padre Caetano Maé foi expulso do Estado devido sua atuação forte, - Conta.

A Rádio Educadora, por ser a mais crítica, acabava recebendo o apoio e influenciando a parte da população que possuía alguma formação e estava descontente com o Governo. Eram jovens nomes que hoje são muito conhecidos pela grande população, como os jornalistas Luiz Melo, Jota Ney, Bira Picanço, Luiz Tadeu, entre outros. Evandro ainda detalha mais:

- Eram os garotos rebeldes que faziam oposição ao governo, mas essa oposição não era aberta, pois isso era perigoso. Posso afirmar que aquilo foi o embrião de uma oposição que depois foi concluída com a saída de Janary Nunes do poder, que perdeu para o Antonio Pontes, finalmente um governante de Macapá mesmo, - Conclui o pensamento.

Mas a Rádio Educadora não atuava nem lutava sozinha, a igreja possuía mais de um veículo de comunicação para se posicionar, como o impresso a Voz Católica, os dois formavam um forte dueto contra a ditadura.



- Na época, o Bispo chegou a ser chamado até a residência do Governador que alegou que o conteúdo do jornal a Voz Católica destoava da verdade. Mas o que realmente estava acontecendo era que eles estavam desgostosos porque o impresso estava fazendo uma crítica ao sistema da ditadura. Foi nesse momento que houve um significativo estremecimento entre a igreja e o governo do Território, justamente porque o editorial da Voz Católica era muito crítico. - Encerra.

Vida de repórter: A história triste e a alegre

Olhando para a parede de seu escritório cheia de fotos que ilustram uma parte ínfima de sua longa trajetória no jornalismo amapaense, Evandro Luiz começa a lembrar os detalhes vividos e as palavras saem facilmente de sua boca.

- Era Natal, eu tinha um parceiro que trabalhei durante 20 anos. O “Chocolate”, apelido do meu querido amigo Nival Silva. Eu costumava dizer que conhecia mais ele do que a minha mulher, pois a televisão, a profissão de jornalista em si é muito isso: a relação de trabalho, o trabalho da equipe – conta e depois volta à matéria: - Chegamos na redação e logo recebo a pauta do dia, que solicitava que a gente entrevistasse uma família pobre, bem simples, para que mostrássemos seu natal, em contrapartida, um outro repórter recebera a missão de visitar uma família rica para que as duas matérias mostrassem os lados opostos do natal dos amapaenses. Conversei com o ‘Chocolate’ e chegamos à conclusão que deveríamos ir para uma área bem periférica da cidade, uma área de ponte.

Evandro gesticula tentando mostrar como era o local. Profissional acostumado a contar os fatos com a adição de imagens, o costume não o deixa apenas narrar esta história, ele precisa nos mostrar.

- Nossa sintonia e sensibilidade era muito grande ao ponto de sacar a notícia, às vezes, só pelo olhar do entrevistado, sem que nenhuma palavra fosse dita. Então nós fomos caminhando, eu com o microfone em

mãos e o meu colega carregando a câmera. Tinha uns caras ao longo da ponte bebendo vinho, outros ouvindo brega, continuamos a andar e de repente avistamos uma casa, e o Chocolate falou: - Evandro, é ali!. E eu confirmei. Também acho que é.

O sentimento de nostalgia em relatar uma reportagem marcante de sua vida já toma conta do pequeno escritório. O silêncio lá fora, junta-se ao silêncio das entrevistadoras que apenas ouvem e deixam se absorver pela narrativa apresentada. Apenas Evandro fala.

Ele começa a descrever a casa que vira naquela época como se estivesse vendo agora, ali naquele pequeno cômodo: - Era uma casa pequena que tinha mais ou menos umas 15 pessoas, dentre elas umas 4 eram adultas e o restante todas crianças e só mulheres. Cheguei e dei bom dia a uma senhora robusta que se encontrava logo na entrada da residência.

Evandro por um momento olha para as entrevistadoras existentes apenas naquela sala, que não fizeram parte do cenário que ele agora narra. Após confirmar que ainda tem nossa total atenção, continua:

- Aproveitei para entrar e observar o interior do local. Vi uns colchões, só a espuma no chão, as paredes eram de compensado. Então realinhei os pensamentos, trouxe a tona o repórter Evandro e perguntei: 'E hoje, como é que vai ser?' - Era véspera de Natal e tinha certeza de que a resposta dela não seria tão encantada e farta como a data pedia. Ela então respondeu: 'Ah meu filho, não tem nada hoje'. - Emendei: 'Mas não tem nada, nada mesmo?', pressionei. E ela sem qualquer vestígio de dúvida, falou: 'Nada!'

A experiência de repórter faz o agora personagem Evandro acessar lugares na memória volátil: - Perguntei se podia entrar na cozinha dela. Ela educada e humilde deixou. Quando cheguei na cozinha vi uma criança magra e suja, cuja imagem dava para sentir que ela tava com fome, abanando um fogo. Então pensei, mas se não tem nada, porque estão pre-



parando o fogo?! Então novamente indaguei: ‘Você está fazendo fogo para quê?’ E ela respondeu: ‘Ah, eu tenho que ficar toda hora abanando o fogo’. Aquilo aumentou minha curiosidade de repórter e novamente indaguei: ‘Para quê, se vocês não têm nada?’ E Ela disse: ‘Para chamar comida, meu filho’. Aquilo me cortou o coração. Aquela simples frase carregava uma grande fagulha de esperança. Esperança, essa era a palavra que justificava aquela criança abanando o fogo para chamar comida. Eles não tinham nada. Mas não perdiam a fé.

Evandro sai de seu transe e olha atentamente para suas entrevistadoras: - Aí o repórter saiu e veio a pessoa, o Evandro. Mexi na carteira, tirei o dinheiro que eu tinha e dei para aquela senhora. Essa foi uma das matérias mais tristes que eu já fiz – finaliza.

Logo nosso personagem volta a si deixando de lado o sentimento triste que a história anterior lhe havia impresso. A sensação de melancolia vai embora quando ele anuncia que agora contará uma história feliz.

- A outra matéria que me marcou, foi sobre a reserva ambiental do Laranjal do Jari. Nunca vi lugar mais bonito que aquele. A gente foi explorar o lugar e encontramos uma queda d’água de uns 60 metros. Andamos por cima para capturar a queda d’água e depois voltamos para pegar ela caindo de baixo. Foi um espetáculo que eu nunca tinha visto. – Novamente é possível ler suas expressões, o rosto sério e triste resultante do relato anterior dá espaço para uma fisionomia mais relaxada. Logo o sorriso toma conta de seu rosto lembrando da água cristalina e de da beleza do momento de admirar aquela paisagem.

- Depois fomos para um rio, chamado rio Parú e eu costumo dizer que Deus esteve lá e descansou, - rindo, Evandro nos incentiva a imaginar as mesmas cenas que estão em sua mente: - Você imagina um lugar que tem um cânion, o rio passa por um cânion e do lado dos paredões tem umas placas marrons de uns 50 metros de espessura, outra roxa, eu chamo de placa, mas não sei ao certo o nome. Parece que alguém chegou lá e



colocou aquelas placas ali, mas não foi esse o caso, era tudo natural. E no meio do rio existia umas rochas que mais pareciam uns ‘pães de açúcar’ feitos de pedra sabão e a queda d’água belíssima. Foi um negócio incrível!

Após uma pequena pausa, ele retoma – Eu não vou mais lá porque meu físico não aguenta, o acesso é muito difícil. Eu quase desmaiei subindo aquilo, mas é uma coisa extraordinária. Foi um espetáculo de matéria que eu fiz. Acho que foi a mais difícil e a melhor de todas –, afirma enfático.

A história triste, Evandro diz que tem mais de 10 anos desde que a matéria foi produzida e veiculada. A história feliz tem 8 anos.

Entre entrevistas e mudanças

Há um ano, eu entrevistei o Evandro para uma matéria em homenagem ao dia do jornalista, na época ele havia acabado de se aposentar. O amor e a dedicação que ele sente pelo trabalho eram notórios a cada palavra que minhas perguntas arrancavam. E eu lhe fiz uma pergunta que não podia deixar de ser feita depois de tudo que ouvi. Perguntei se ele sentia falta da profissão. E sua resposta foi que sim, seguida da palavra: muito, e finalizou: – Sinto falta de estar lá no meio da notícia, vivendo ela e noticiando.

Ao término da entrevista para o livro, repeti a pergunta: – Você sente falta do traba.....-, minhas palavras foram cortadas. Profissional experiente e sagaz, ele já sabia qual a minha pergunta antes mesmo de eu finalizá-la e a resposta foi firme: – Sinto! –, disse. – Então não mudou nada, depois desse um ano de aposentado?– Ele ri e fica pensativo. Todos na sala percebem que a única coisa que mudou foi o tamanho da falta que ele sente. Ela só aumentou com o tempo.

Evandro então olha o mural de fotos cuidadosamente colocado na parede de seu escritório que divide espaço com pinturas e imagens



de santos, e começa a relembrar as histórias por traz daquelas fotos. As matérias, a vivência da profissão. Nostálgico e orgulhoso, ele aponta para uma em especial, a que ele está ao lado de Marcos Losekann, e começa a contar sobre as matérias que lhe renderam as fotos. Relembra a matéria que fez da pororoca... - Eu fui um dos primeiros a enfrentar a pororoca! - conta orgulhoso. -Tive que levar o Losekann para ver a pororoca. - E eu digo: - É fazer parte da história, né? Ele rapidamente responde: - Verdade, eu fiz parte da história! - Confirma já com a expressão de saudade tomando conta de seu semblante.

E continua....

- Olha só o tamanho da equipe como era antigamente. E começa a contar as pessoas personificadas na foto. Tinha um, dois, três, quatro. Essa era a quantidade de pessoas que compunham uma equipe de externa. Com o passar dos anos passou só para 3 pessoas e hoje são só duas, o cinegrafista e o repórter. Daqui a pouco vai ser uma pessoa só, diz.

E no meio das fotos para ilustrar este texto ele olha para uma em especial e ri mostrando: - Olha o Lula aqui também.

Esta foto deve ter muitas lembranças, mas esta fica para outro livro...

Capítulo 3 - Edgar Rodrigues

**“Aqui no Estado nós temos um problema muito sério
que são os Devezenquandários”**

As memórias vivas do jornalista Edgar Rodrigues, um profissional apegado ao passado e às mudanças que o mesmo propõe, dedicando sua vida a contar a história do Amapá



Foto: Eloisy Santos

Silvia Andréa Maciel

Em uma manhã de sábado chuvosa, subimos um lance de escada estreito e com pouca iluminação. Logo em seguida um corredor também com pouco espaço, no primeiro andar. Vemos algumas portas à esquerda e uma sacada a direita, por onde os respingos das gotas de chuva teimavam em nos alcançar. Após 4 portas, a 5ª era a correta. Ela alojava o nosso local de entrevista: o apartamento do jornalista, historiador, escritor, filósofo, poeta e diversas outras funções, Edgar Rodrigues.

Um homem simples e humilde, cuja inteligência e gana pelo conhecimento se sobressaem já nas primeiras palavras. Edgar deixa claro logo de cara que possui muitas informações e muitos dados, a maioria ainda nem compilados, e que está a nossa total disposição, no que puder



contribuir.

- Conhecimento não deve ser mantido preso, guardado, tem que ser dividido. Por isso gosto de compartilhar o que sei e aprendi com o tempo. Vocês não são as primeiras pessoas que vem atrás de mim para obter dados históricos – Diz olhando risonho para mim e minha colega, não que sua expressão demonstre soberba, pelo contrário, o riso, notoriamente é de timidez e certa subjacência. Ele continua: – E espero que não sejam as últimas – mais um sorriso simpático aparece no rosto daquele homem magro e de estatura baixa.

Trajando calça preta, camisa clara, sandália de dedo e um óculos de armação fina e retangular, Edgar se acomoda em uma cadeira de balanço, daquelas que encontramos nas casas dos amapaenses mais tradicionais. Em meio a cada balançada, ele gentilmente se apresenta falando de seu extenso currículo jornalístico.

Quando questionado sobre quais características pode elencar sobre o jornalismo amapaense, na década de 70, ele não pestaneja:

- Os Devezenquandários. Aqui nós tempos um problema muito sério. São aqueles jornais que surgem de vez em quando, principalmente em época de política. Eles ficam em um estado de letargia e depois aparecem. Eu coletei dados que confirmam de 68 a 69 jornais surgidos no Amapá ao longo de sua história que inicia com o Pinsonia. Alguns funcionavam somente por uma pequena temporada e isso mostra uma certa instabilidade que considero negativa para a comunicação do nosso Estado”, narra o homem que agora não mais se balança, apenas cruza as pernas e olha atentamente para as entrevistadoras.

Edgar explica que os jornais eram instáveis porque dependiam muito do governo em vigência ou do poder das grandes famílias. Não existiam grandes indústrias no Amapá, somente a ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios S.A), mas ela não se interessava por assuntos rela-

cionados à comunicação.

- De 50% a 60% dos jornais daqui quando não dependem dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, tendem a ser mantidos por famílias de grandes posses. Tem jornal amapaense que sobrevive até hoje mantido pela própria família, claro que também recebe repasses do governo, mas sua maior fonte de renda vem de seu grupo consanguíneo que por possuir uma variedade grande de outras empresas, sustenta o jornal por meio dos comerciais. Eu trabalhei em diversos jornais que surgiram, por isso conheço um pouco da realidade deles. – Explica.

Com quase 40 anos de pesquisa, Edgar demonstra uma memória extremamente eficiente e nítida. Tudo está muito bem arquivado em suas lembranças e sempre à disposição para que seja divulgado. Não importa a pergunta feita. A resposta sempre vem sem demora e com riqueza de detalhes.

“Na década de 70, o governador chamava pessoas de notório saber, como professores e estudiosos, para compor uma espécie de comissão de censura”, diz Edgar Rodrigues

A década de 70 nosso personagem foi em busca de mais conhecimento. Ele precisou se mudar para Belém, para cursar a faculdade de Filosofia, uma vez que no Amapá ainda não existia ensino superior. Conseguiu morar no seminário, se preparando para tornar-se padre, mas possuía muito tempo livre pela manhã e aproveitava para frequentar o arquivo público do estado do Pará.

Assim, ele conseguiu transformar todo esse tempo que poderia ser ocioso em momentos de aprendizagem. Edgar transcrevia as notícias sobre o Amapá publicadas na Província do Pará, desde a edição de número 1. Aí começava a nascer o pesquisador e jornalista investigativo inquieto cuja busca por informações, dados e mais história para contar é incessante.



- Lá é tudo bem arquivado. O Pará avançou um pouco em termos de arquivo público. Já aqui no Amapá nós temos um problema seríssimo, pois tem uma legislação que funciona desde a década de 70 de que todo documento publicado no Diário Oficial, após 5 anos de uso deve ser incinerado. Por causa dessa legislação estamos perdendo uma documentação que deveria ser arquivo público. Documentos que contam a nossa história.
- Lamenta.

- Eu comecei a trabalhar como correspondente do Jornal Marco Zero, em Belém mesmo, aproveitava para fazer um link entre os acontecimentos no Amapá e em Belém. Naquela época existia a chamada pré-censura, onde cada veículo de comunicação fazia a proposta de pauta e tinha que submeter essa pré-pauta à Polícia Federal, depois de aprovada, o repórter produzia o texto e entregava ao editor que submetia a outro órgão para aprovação.

Edgar conta mais sobre este segundo órgão.

- O governador chamava pessoas de notório saber, como professores e estudiosos, para uma audiência. Sempre com os dizeres: Você está sendo honrosamente chamado pela revolução para avaliar todos os textos produzidos pelo veículo de comunicação tal. - Eu o interrompo e pergunto: - Era uma espécie de comissão verificadora? - E ele prontamente confirma:

- Sim, uma comissão verificadora de censura. E essa pré-censura acontecia não só nos jornais, mas também em todas as obras que seriam publicadas. Isso aconteceu até mais ou menos 1978.

Na opinião de Edgar, a censura foi mais forte e intimidadora no ano de 1976. Ele atribui isso ao fato de que o governador da época conseguiu fechar, através do ministério das comunicações, a Rádio Educadora onde trabalhavam padres que eram jornalistas também, como o padre Jorge Basílio, padre Botan. - Este foi o último ato da censura militar



diretamente à comunicação. A desculpa usada por eles era que a Rádio Educadora não estava regular. Era ilegal.

Vale lembrar a coincidência de que naquela época só existiam duas rádios: a Difusora e a Educadora. A primeira pertencia ao governo e divulgava suas notícias, quanto à segunda, esta era de iniciativa privada e foi a primeira emissora a bater de frente com os interesses do governo. Ela fazia o papel de opositora ao regime em vigência. Por isso a censura ficava sempre de ouvidos bem atentos à sua programação. Mas vamos falar mais sobre isso nas próximas páginas.

Lá fora a chuva aumenta e a conversa se mistura ao som do temporal batendo no telhado, no chão da rua, nos poucos carros que passam, é uma manhã preguiçosa. Em sua cadeira de balanço, ele descruza as pernas e olha para a janela a sua direita.

A maioria dos jornais que Edgar cita como em funcionamento na década de 70 eram semanais. Eles eram impressos em Belém e depois enviados de volta ao Amapá para apreciação da população. Por este motivo era possível submetê-los a todas essas fases de censura.

O jornal impresso: a maioria ligados ao governo e alguns poucos casos isolados tentando fazer uma tímida imparcialidade

Peço que nosso personagem comente um pouco sobre alguns veículos de comunicação que ele mesmo listou em um de seus textos publicados, intitulado “As Comunicações Sociais no Amapá”. Edgar logo fica com um olhar distante relembrando sua própria vivência nestes veículos. Lá vem boas histórias.

- O que você lembra sobre o Jornal do Povo?

- Ah, esse foi o primeiro jornal diário que circulou no Amapá. Apesar do Jornal do Dia afirmar que foi o primeiro, segundo minhas



pesquisas, o Jornal do Povo é que foi. Ele teve uma duração efêmera, principalmente pela morte de seu diretor, o Haroldo Franco. Talvez não se dê a ele a característica de jornal inaugural da distribuição diária, porque inicialmente ele era semanal, mas após dois anos de sua existência, suas edições passaram a ser diárias, mesmo sendo feito em tipografia.

Edgar conta ainda que outra característica se sobressaia neste periódico. A tentativa de ser crítico. - Ele mesmo sendo privado, tentava tanto falar bem quando falar mal do governo, e a cada crítica que ele fazia procurava reter a documentação para se respaldar. Eu enquadraria o Haroldo Franco como um dos primeiros jornalistas que tentavam fazer os dois lados da notícia. Ele foi um dos pioneiros que não tinham medo do governo. - Infelizmente, Franco morreu de ataque cardíaco, dando um ponto final antecipado em sua história no jornalismo amapaense.

- E quanto ao jornal Fronteira? Você lembra dele?

Ele pensa por uns instantes e retoma: Bom, a história desse, ainda não acabou, apenas mudou de nome, pois ele pertencia ao Silas Assis e com o passar dos anos, deixou de ser Fronteira para se chamar Amapá Estado e mais na frente, ganhou o nome que hoje todos conhecemos: A Gazeta. - Surpresa, questiono:

- Então esse jornal atravessou décadas?

Edgar ri, e confirma: - Sim, o Fronteira foi um dos embriões da Gazeta, criado pelo pai dos donos atuais deste jornal. Já o Amapá Estado surgiu quase no mesmo período que o Jornal do Dia, gerando uma certa competitividade por furos de reportagem. - Edgar ri novamente, não o interrompo perguntando o motivo do pequeno riso. Deixo que seus pensamentos continuem sendo externados e chego a conclusão que ele sente certa saudade daqueles tempos, da busca por furos de reportagem com qualidade. Hoje é cada vez mais difícil, a internet e sua instantaneidade atrapalham e muitas vezes comprometem a qualidade do jornalismo atu-



al, sempre sedento por ser o primeiro a noticiar, dar novidades aos leitores/expectadores; o que acaba deixando de lado a boa e velha apuração, coleta de dados, aquilo que você já deve ter percebido que faz parte do perfil profissional de Edgar.

Sobre os jornais impressos ele ainda comenta sobre o Jornal do Amapá e o Jornal Marco Zero, onde trabalhou. O primeiro, para Edgar, meio que substituiu o jornal oficial do governo, chamado de Jornal da Província, em atuação durante o período que nosso Estado nem estado era, éramos apenas território. - Lembro que o Jornal da Província foi extinto e o Governo precisava de um novo jornal seu, foi aí que entrou esse encarte, pois apesar de ser privado, ele foi contratado para falar bem do governo na época.

Edgar fala com mais profundidade sobre o jornal Marco Zero, devido seu conhecimento por ter atuado durante anos nele. - Na época eu era apenas um jovem de 23 anos, mas antes já tinha atuado no jornal Amapá Estado. - Conta.

O Rádio: marcado por programas de referência até os dias atuais e pela tentativa de mostrar o lado oposto aos interesses do governo

E as emissoras de rádio? Apesar de você não ter trabalhado nelas na época, como grande observador que é, deve lembrar de algo? - Logo após fazer esta pergunta recebo uma enxurrada de informações sem qualquer vacilo. Edgar olha para o nada, é aquele olhar que todos nós fazemos quando queremos nos concentrar em nossas lembranças e então nos desligamos do restante para que nenhum dado seja perdido. É com este olhar distante que trazemos de volta naquela pequena sala, o rádio na década de 70.

- Ah...a Rádio Difusora...o rádio como um todo era um sucesso na época, as pessoas se reuniam ao redor do aparelho e acompanhavam a sua programação. Do mesmo jeito que hoje fazemos ao redor da televisão. O rádio era o grande astro nas casas dos amapaenses - explica absorto,



provavelmente lembrando destas cenas comuns na época de comunhão familiar por meio do rádio.

Então pergunto: – Mas o que tinha de tão especial na programação que gerava esse grande encontro? – Edgar me olha para receber o novo questionamento, depois de recebido e compreendido, novamente o perco para suas memórias.

- Olha, eu destaco três grandes programas que a Difusora mantinha e que tiveram uma repercussão enorme, eles eram alguns dos responsáveis por juntar as famílias. Um deles era o Jornal Falado E2. Esse nome era por causa do prefixo da Difusora na época. – E sem pestanejar Edgar solta a frase de slogan da emissora de rádio que ninguém ainda havia nos dito. Ficamos surpresas com a clareza de suas lembranças.

- “ZY-E2, Rádio Difusora de Macapá, uma voz do Amapá a serviço do Brasil”, esse que era o slogan, diz Edgar.

Ele olha para suas entrevistadas com certo ar de vitória, por ter lembrado deste detalhe tão simples e de fácil esquecimento, mas que continua vivo nele. Descruzando as pernas, umas das sandálias de dedo caem de seu pé, ele logo a recoloca e se volta para o nada, mas o nada deste momento é a grande janela localizada a sua direita, a imensidão do céu, o ar frio da chuva que agora está bem fraquinha, mas teima em não desistir de molhar aqueles que por ela caminham desprotegidos.

- O jornal E2 era sempre transmitido das 20h às 21h. Posso dizer para vocês que ele se comparava um pouco à Voz do Brasil. Era um noticiário que divulgava os atos do governo em vigência e durou uns 40 a 50 anos no ar. Lembro que ouvi-lo era como fazemos as vezes para ver o Jornal Nacional, sabe? Os amapaenses paravam para ouvir as notícias, pois era uma mistura de informações locais, nacionais e internacionais, mas sempre atreladas ao governo. As informações nacionais e internacionais vinham da agência do governo federal.



Edgar para em alguns momentos de sua fala, as palavras parecem encontrar certa dificuldade em sair, mas logo é recuperada. Isso não dificulta a sua narrativa, pelo contrário, somos tão aborrecidos por sua riqueza de detalhes que percebemos essas paradas e repetições de palavras em raros momentos.

Agoniada por mais histórias, pergunto logo: - Mas e o Alô, Alô Amazônia, ele está entre esses três programas que você está destacando?

Nosso entrevistado se recompõe e confirma minha pergunta. A história continua. - O Alô, Alô Amazônia surgiu no mesmo período que surgiu o Carnê Social. - Ele então explica primeiro sobre o Carnê.

- Acontecia no horário de meio dia às 14h, onde as pessoas liam cartas escritas registrando o aniversário de algum parente: 'Hoje completou tantas rissonhas primavera no jardim florido de sua existência. Não podendo deixar essa magna data passar em branco dedico esta mensagem a você minha filha'. - Narra e continua.

- Já o Alô, alô Amapá era uma espécie de carta falada sobre algum recado que precisava ser enviado a algum morador de localidades mais distantes, como as ilhas e as comunidades ribeirinhas: 'Fulana de tal, o professor da Ponta Grossa avisa a professora de Rego Grande no dia tal vai passar lá para pegar a sobrinha e a venda dos porcos está acertada'.

Ao finalizar, Edgar olha para mim e explica que aquele exemplo não era muito fiel à realidade, pois a maior característica deste programa era a linguagem bem cabocla, do jeito que o caboclo fala, com fonemas cortados, abreviação de palavras. - Não sei fazer direito, mas acho que todos sabem como é. - Conclui.

E chegamos à Rádio Educadora com sua grande contribuição para o jornalismo e para que a real voz das pessoas daquela época fosse ouvida.



- Acredito que a Rádio Educadora era a grande porta voz daquelas que não conseguiam dizer à sociedade o que realmente devia ser dito. Teve muito padre naquela época que foi ameaçado de prisão pelo conteúdo divulgado na rádio educadora. E além do programa de rádio, a igreja católica tinha um jornal impresso chamado A Voz Católica, que surgiu de 66 até 72, era um jornal semanal feito pelos padres. Tanto A Voz Católica quanto a Rádio Educadora sempre procuravam divulgar para o público aquilo que o governo não divulgava. Aí eles de vez em quando eram prendados pela censura, mas sua importância vem justamente disso, a Rádio Educadora e a Rádio Difusora faziam um contraponto, com posicionamentos diferentes.

Saudoso, Edgar lembra de um colega jornalista, já falecido, mas que em meio a todas as nossas pesquisas para compor estes textos que você tem em mãos, sempre é citado, pelo menos uma vez, como um importante personagem. Edgar, de todos os entrevistados, é o que melhor e mais detalhadamente fala sobre o saudoso.

“Ele foi a voz do caboclo” – afirma Edgar ao lembrar um saudoso colega de profissão

- O Hélio Penafort, que hoje a Rádio Universitária, cuja sede fica na Universidade Federal do Amapá, homenageia (o jornalista dá nome ao principal estúdio da emissora), foi a voz do caboclo do interior. Ele chegava nas localidades e tomava cachaça com o pessoal, interagia com eles, vivia aquilo, sabe? E trazia as necessidades do caboclo, escrevendo-as em forma de crônica, mas mesmo assim ele teve que ser um verdadeiro bailarino para dar a notícia, pois querendo ou não, ele era funcionário público, então não podia ser muito radical, tanto em elogiar quanto em criticar.

E ele sabia fazer isso como ninguém, segundo nosso personagem.

As palavras de Edgar mostram a grande admiração que ele tem por este profissional. Nem precisamos questioná-lo, instigá-lo a nos contar mais



detalhes, pois neste momento ele está totalmente absorto em seus pensamentos e as palavras não param de sair. Aquela pequena sala parece ainda menor frente ao grande profissional que sem qualquer pretensão está homenageando um colega que, acredito eu, todos gostaríamos que estivesse naquele cômodo dividindo as experiências vividas ao lado dos ribeirinhos, daquele povo simples que vivia em condições tão escassas nos longínquos anos 70.

Ele para, parece procurar a melhor forma de terminar seus pensamentos e é numa citação que ele parece encontrar o que procurava: - Parece o Aldous Huxley, que foi um grande jornalista inglês e autor de obras como Porta da Percepção e Admirável Mundo Novo. Ele dizia o seguinte: - “Nem a melhor receita de comida substitui o pior dos jantares”, ou seja, a teoria é difícil substituir a prática. Então você colocar na prática aquilo que teoricamente você conhece, é o grande desafio de todo o profissional.

Damos uma pequena pausa e depois de toda esta história me vejo perdida em meus papéis. Edgar volta a se balançar em sua cadeira. Logo me reencontro e voltamos a narrativa, desta vez para falar da televisão. Mas Edgar é bem sucinto sobre ela, talvez porque seu contato com os bastidores da mesma tenha sido mais raro e distante, ou porque o passar das horas já quase leva a manhã, estamos conversando há tanto tempo que a hora do almoço está perto.

Ele se restringe a falar que os noticiários na década de 70 eram exibidos com nada mais nada menos que 72 horas de atraso. Edgar detalha: - Ela vinha num VT que demorava uns 3 dias para chegar aqui. Primeiro chegava em Manaus para depois chegar aqui. Como o setor de comércio era muito pobre também, não tínhamos grandes indústrias que pudessem investir em equipamentos para mudar esta situação, somente a ICOMI (Comércio de Minérios S.A.), mas ela não se interessava por isso. O governo implantou o sinal, mas pouco investiu no aparato necessário para que tivéssemos uma TV de qualidade. Essa situação só mudou quan-



do um empresário de Manaus resolveu investir e comprar os direitos do sinal. Mas isso vocês já sabem.

“Eu tive o desprazer de noticiar sobre o naufrágio do Novo Amapá, foi um negócio triste e impactante, tanto é que toda a vez que ele é noticiado coloca-se a impunidade como destaque” – conta Edgar ao lembrar de um dos acidentes mais impactantes da história do Amapá

Sabemos que nosso encontro está chegando ao fim, mas não podemos deixar de questioná-lo mais um pouco, pergunto se ele tem uma notícia que marque a muito a sua trajetória e como foi o processo de apuração como correspondente em outro Estado....

Edgar estava em Belém, mas teve a dura missão de noticiar sobre o acidente do Navio Novo Amapá. Esta é a história que segundo ele, mais lhe marcou e cujo processo de apuração, jamais será esquecido.

- Eu tive o desprazer de noticiar sobre o naufrágio do Novo Amapá, foi um negócio triste e impactante, tanto é que toda a vez que ele é noticiado coloca-se a impunidade como destaque. Mas não podemos fazer muita coisa, afinal o crime já prescreveu, pois mais de 25 anos se passaram. Lembro que o governador da época foi acusado de ter recebido o dinheiro que veio do Ministério do Interior para as famílias, que de repente desapareceu. As vítimas nunca viram esse auxílio.

Ele faz uma pausa. É possível ver a emoção em seu rosto e em seu corpo também. O ambiente calmo, agradável e nostálgico que tomava conta daquela sala de estar dá lugar para um sentimento de tristeza. Fica no ar e todos compartilhamos o sentimento que Edgar agora sente ao reviver aquela notícia que marca de forma triste a história do Amapá.

- Era um corpo misturado com o outro. Naquela época eu morava em Belém e pegava mais as repercussões do que acontecia para escrever ao Marco Zero. O processo de apuração era feito pelo corpo redacional



de Macapá, e eu só lembrava as repercussões, entrava em contato com as autoridades para ter as informações oficiais, saber quais os passos, se a marinha ia investigar, mas mesmo assim eu me lembro que foi um acontecimento muito triste.

Quando disse que até seu corpo mostrava os sentimentos de Edgar frente a estas recordações, ele parece também perceber e justifica-se.

- Eu sou um....um....um pouco gago e fica mais inten.....so.....intenso quando me emociono....emociono, tanto é que estou até c---c---com dificuldade de falar. Ma...mais....mais do que o normal, como vo....vo...vo. vocês já devem ter percebido. Fo...fofoi uma coisa bizarra demais, indescritível, - Mais uma pausa aqui. Edgar respira, busca as palavras e retoma a fala dita de forma mais rápida e agora com menos pausas e repetições. - Cheguei a ir ao Rio Cajari ver a notícia, é me....meiiiio difícil de falar, acho que é por isso que sempre fui de jornal impresso....papa...para poder conseguir me expressar nessas circunstâncias.

Explico que não há qualquer problema em sua gagueira, ela não atrapalha em nada sua história e sua contribuição para este texto. Tanto é que ela está presente em toda a entrevista, mas somente se sobressai quando ele a menciona e dá atenção a isso.

Ele então se recompõe e continua: - Acho que posso destacar que uma das minhas maiores características e que admiro nas outras pessoas é a humildade, de você ter a capacidade de sempre descer ao nível da pessoa que está sendo entrevistada. Para você sentir um pouco da realidade dela, e acima de tudo ser generoso, assim como vocês estão sendo generosas comigo de terem a total paciência de ouvir um gago. Acho que é isso que identifica o bom profissional, em qualquer área.

No fim da conversa nos despedimos, Edgar logo se desculpa por não ter oferecido café e sua “famosa” tapioquinha, como ele mesmo qualifica. E deixa a promessa de que no próximo encontro, seu café regional



nos será servido.

E é claro que voltaremos.

Capítulo 4 - Alcinéa Cavalcante

“As pessoas compravam o jornal e abriam direto no caderno de polícia ou de esporte”

Na década de 70, segundo a jornalista Alcinéa Cavalcante, o jornalismo impresso tinha muita credibilidade e proximidade com o público



Foto: Silvia Andréa Maciel

Eloisy Santos

- A televisão nunca me seduziu. Dos três veículos minha paixão maior sempre foi o impresso – relata Alcinéa Cavalcante em seu escritório, na sua casa, rodeada de muitos livros, origamis e bibelôs.

Apaixonada por cachorros, que inclusive nos receberam na chegada à sua casa em meio a muitos latidos, em uma noite de terça-feira, Alcinéa tentou – mas não conseguiu – nos tranquilizar sobre os três pequenos amigos de quatro patas. “Não precisa ter medo. Uma delas inclusive nem deve ter mais dentes”. Fomos entrando, devagarzinho, e eles realmente foram receptivos, ao seu modo.

Na sala, no momento em que chegamos, seu marido recém opera-



do assistia televisão. O cumprimentamos e já fomos diretamente para o aconchegante e colorido escritório. Sim, colorido. Muitos origamis espalhados por toda a parte. Mas sobre isso, contaremos mais à frente.

Nascida pelas mãos de parteira em sua casa, no dia 19 de fevereiro do ano de 1956, Alcinéa Maria Cavalcante Costa é jornalista e professora aposentada. Muito bem-humorada e sempre com um lindo sorriso no rosto, ao ser clicada pela primeira vez durante a entrevista, ela brinca: “Olha, eu tenho que ficar bonita nessa foto. Bonita, magra e nova”. Silvia Andréa Maciel e eu caímos na gargalhada, e garantimos que sim, clicaríamos ela do melhor ângulo possível. Aí sim a entrevista pôde iniciar. Ou não.

Ao anunciarmos que ligaríamos o gravador, a jornalista relata não ser muito amiga da ferramenta.

- Se tem uma coisa que eu nunca me acostumei foi a fazer entrevista gravada. Porque, tipo assim, quando eu comecei no jornalismo não tinha gravador, então depois quando surge o gravador eu penso: vou gravar e daí vou ter dois trabalhos. Depois vou ter que ouvir para tirar o que quero – comentou, dizendo ainda que até hoje tem um gravador, mas usar que é bom: nada! Para ela, o utensílio é importante somente nas pautas que possuem muitos dados, como as de economia, por segurança. Fora isso, lá estava ela, sempre anotando tudo o que suas fontes falavam.

Pois então, pegando o gancho do gravador, este parceiro inseparável – ou quase inseparável – dos profissionais de imprensa, é que Alcinéa começa a falar do primeiro jornal impresso diário a circular no estado do Amapá: o Jornal do Povo.

- Para mim a grande escola foi o Jornal do Povo, por que eu fazia política, economia, esporte e colunas. Eu fiz de tudo. Fui repórter esportiva, talvez até a primeira do país. Isso em 73 ou 74. Até hoje as pessoas dizem que eu redijo com muita agilidade, mas é porque eu venho dessa escola de jornal diário, naquela época que tu brigavas contra o relógio



para escrever as matérias – relata a jornalista.

O Jornal do Povo, citado por Alcinéa, é elencado pelo também jornalista Edgar Rodrigues em seu texto “As Comunicações Sociais no Amapá”, como um dos que surgiu nos anos 70 no Estado, com tiragem diária. Inclusive, vale frisar, este texto foi de extrema importância para nossas pesquisas sobre o jornalismo amapaense na década que delimitamos, portanto, amigo leitor, não estranhe se citarmos ele em quase todos os capítulos.

- Bom, meu pai jornalista, minha mãe professora. Eu sempre gostei de escrever e então surgiu o Jornal do Povo, que primeiro começou diário e depois passou a ser semanal – contou a jornalista, reforçando que foi chamada para trabalhar pelo próprio fundador do jornal, Haroldo Franco, no ano de 1973 – E então o Haroldo Franco, bom jornalista, trabalhava em Belém, era professor de filosofia na Universidade Federal do Pará e amapaense, que já tinha montado outros jornaizinhos aqui – mas que não vingaram – resolveu montar o Jornal do Povo.

Ela continua o relato:

- Ele me disse, Alcinéa, vamos trabalhar no Jornal do Povo? E eu disse, mas Haroldo, eu não sei, nunca trabalhei em Jornal. Ele falou para mim que filho de peixe, peixinho é... E eu fui – descreveu Cavalcante.

A jornalista lembra que era uma equipe boa a que dividia a redação com ela.

- Tinha Everson Martins, Valmir Botelho, editor do ‘O Liberal’ que aí trouxe um pessoal do garimpo, isso em 1973 a 1974. Essa foi a minha primeira experiência grande, mas eu escrevia em jornal de Grêmio do colégio antes. Daí pronto, não parei mais - contou sorrindo, orgulhosa do princípio de sua carreira, época da qual sente muita saudade.



Na época, o jornalista tinha que saber escrever, literalmente. De acordo com Alcinéa, eram muito raras matérias que saíam com foto nas edições do Jornal. Nem mesmo a coluna social, que nos dias atuais é repleta de imagens coloridas, era ilustrada.

- Não se usava praticamente foto, por que o sistema para fazer fotos era o clichê (chapa em relevo para impressão) então era uma coisa muito demorada. A foto tu tinhas que fazer naquelas chapas de zinco e então eram horas e horas – relatou. E quando é que o jornal publicava uma foto? Indagamos - Quando vinha um presidente da República, quando vinha um ministro. Era até coluna social sem foto, então você tinha que ter um texto bom. Eu tive sorte de começar ali, fazendo tudo o que me proporcionou a ser ágil – orgulha-se.

Como consta no título deste texto, Alcinéa relatou que as notícias mais apreciadas e que vendiam jornais na época eram as policiais. Aliás, como vemos até os dias de hoje. A diferença é que hoje vemos o sensacionalismo com fotos sangrentas, e naquela época isso não existia.

- Não tinha tanta coisa – para ser noticiada - por que o Amapá era território. O foco maior era polícia. As pessoas compravam o jornal e abriam direto no caderno de polícia ou de esporte. É assim até hoje. Para aquela realidade eram grandes notícias apesar de não aparecer – comentou Alcinéa.

A jornalista continua a nos contar sobre as reportagens policiais. É até difícil imaginar que havia acontecimentos que rendessem pauta de polícia naquela época. Os nossos avós hoje reclamam da violência e sempre dizem que bons tempos eram os antigos, em que se podia dormir com janelas e portas abertas que ninguém roubava ou algo do tipo.

- Um crime era raro – enfatizou Alcinéa - Um que repercutiu muito foi uma morte no Gruta – espécie de balneário que fica no bairro Zerão - que ficou bem um mês direto no jornal – nesse momento ela estala os



dedos e faz uma expressão no rosto como quem quer mensurar um longo espaço de tempo.

Outro caso de grande repercussão naquela década foi o de uma mulher que jogou a enteada no canal, para matá-la. - As notícias eram isso né, um acidente, o ladrão de galinha. O ladrão que entrava ali e não matava, ia roubar roupa e outras coisas. As pessoas compravam o jornal para ver essas coisas -, destacou a jornalista.

Exemplo de matéria policial: o homem nu

- Eu lembro de uma matéria que falava de um homem nu. A Hildemar Maia era deserta, tinha uma casa aqui e outra acolá. ‘Disque’ uma vez um homem bateu na porta de uma casa, a mulher foi atender e ele estava nu. A mulher tomou aquele susto, foi na polícia, isso e aquilo outro -, relatou Alcinéa. No dia seguinte, segundo ela, o fato saiu como manchete no jornal.

- Homem nu...não sei o quê. Olha, o pessoal ficou com medo! Batia alguém na porta o marido dizia para a mulher e para a afilha não irem atender. Quem atendia era o homem da casa, por que podia ser o homem nu. A sociedade começou a cobrar da polícia que tinha que prender o homem nu por que isso era uma ofensa, uma falta de pudor imensa, assim como bateu nessa casa ia bater em outra... - contou a jornalista, sorrindo e lembrando que isso causou um “bafafá” danado em Macapá.

Alguns dias depois desse fato, a jornalista conta que a polícia “conseguiu” prender o tal homem nu que estava aterrorizando a capital do Estado. Isso mesmo, a palavra está entre aspas por que a coisa não foi exatamente assim.

- Quando foi um outro dia, a polícia pega um casal lá no Araxá. Não tinha motel aqui em Macapá – aí, caro leitor, você já imagina a nossa reação na entrevista, não é mesmo? No primeiro momento ficamos as-



sustadas com o que acabamos de ouvir, mas foi só no primeiro momento mesmo. Não aguentamos e sorrimos, gargalhamos alto.

- Aí o cara vem nu de dentro d'água. Como a sociedade estava cobrando tanto que a polícia pegasse esse cara - o que bateu na casa - eles prenderam esse. No outro dia saiu no jornal e 'tal'. Esse homem nu não era aquele, mas daí a sociedade se aquietou. A polícia mostrou que deu conta do recado -, Alcinéa caiu na gargalhada junto com a gente.

Outra página que tinha tremenda importância para a sociedade da época era o horóscopo. O jornal comprava o horóscopo de um astrólogo famoso e ele mandava conteúdo o mês todo, mas as vezes por algum motivo o Correio atrasava a entrega.

- Aí quando não mandavam o horóscopo a gente pensava: alguém tem que fazer. A gente tinha que fazer, senão o leitor ia lá brigar – exclamou Alcinéa, sorrindo ao lembrar que por diversas vezes se vingavam de outros colegas na hora de “inventar” o texto do horóscopo. - Escolhíamos o signo do fulano e colocávamos uma coisa ruim no meio para ele. Tinha que sair o horóscopo! Por que tinha gente que ia para comprar o jornal só por causa dele -, enfatizou.

Alcinéa e o esporte

Esporte também era um caderno muito visado no Jornal do Povo. Alcinéa conta que a imprensa exercia forte influência sobre a população. Certa vez, lembra ela, entre 70 e 74, quando ainda não existia a TV Amapá, primeira emissora televisiva do estado, os meios existentes fizeram uma campanha para chamar a sociedade para o estádio, campanha essa que foi um pedido do então presidente da Federação Amapaense de Futebol. Segundo a jornalista, nessa época mulher não frequentava estádio, pois “estádio era coisa de homem”, lembrou Alcinéa.

- Ele – o presidente da Federação - pediu que fizessemos alguma

coisa para levar o público ao estádio e falou que as mulheres não iriam pagar a entrada. A gente começou então uma campanha: ‘Leve a bandeira de seu time’ – lembrou o Alcinéa, complementando que no jornal os repórteres faziam “aquelas matérias bacanas e na coluna diziam para levarem as bandeiras. A partir daí o Glicério Marques no domingo então era uma loucura, ficava lotado. Foi quando então surgiram as charangas do Ypiranga e do São José”. As charangas, na época, eram torcidas organizadas com espécies de bandinhas de música.

Lembra que logo no início do texto Alcinéa conta que o esporte era uma de suas paixões e que, talvez, ela tenha sido a primeira ou uma das primeiras repórteres esportivas do sexo feminino do país? Pois então, este amor pelo jornalismo esportivo rendeu a ela grandes experiências, algumas engraçadas, como quando ela esteve em Belém, em um ano qualquer da década de 70, para cobrir o jogo do Santos contra o Remo pelo Campeonato Brasileiro. A jornalista narra com brilho nos olhos e sorriso nos lábios o dia em que surpreendeu o técnico do Santos quando este descobriu que ela estava ali como profissional.

- Aí o Santos veio jogar em Belém contra o Remo. Era um timaço que tinha sido tri campeão do mundo com Edu Tostão e tal... e aí eu fui para cobrir antes do jogo o reconhecimento de campo. O técnico do Santos cismou que eu não era repórter, pensou que eu era uma dessas fãs loucas que fazem de tudo para ver os seus ídolos. E eu tinha que entrevistar o Tostão, que era estrela do futebol brasileiro. O Tostão era muito bonito -, lembrou a jornalista.

A cisma do técnico se resolveria rapidamente, não fosse Alcinéa ter esquecido sua carteira no carro de reportagem do jornal, que já tinha saído de lá para deixar os outros repórteres nas suas respectivas pautas.

- A minha carteira estava no carro e eu estava só com um papel, na época a gente quase não usava bloco – referindo-se ao inseparável bloquinho de papel de todo jornalista - e aí eu não tinha como provar para o técnico o que eu era. Ele estava praticamente me expulsando de lá e eu



dizia ‘ai meu Deus!’ -, relatou a jornalista.

Passados alguns minutos o carro da reportagem volta ao local onde estava Alcinéa e ela pede a carteira para o motorista.

- Aí o técnico me pediu mil desculpas, porque ele pouco via mulher fazendo reportagem esportiva e por isso a dúvida dele... Aí pronto, ele chamou o Edu Tostão, chamou quem eu quisesse, me falou a escalação do time...-, gargalhou Alcinéa, que lembrou ainda a expressão sem jeito que o técnico fez quando viu o quão deselegante tinha sido com ela.

- E às vezes as pessoas me perguntavam como que eu conseguia certas coisas e os homens não... eu dizia, ah... porque eu sou mulher – disse orgulhosa.

Depois do Jornal do Povo, Alcinéa passou pelo Jornal Marco Zero, segundo ela fundado pelo “doutor Roberto Macedo, cara riquíssimo”, conta ela.

- Ele tinha uma clínica conceituada em Belém, gostava muito daqui, vinha buscar jogadores daqui para levar para o Remo e resolveu fundar o jornal que diziam ser um brinquedo dele, porque ele não precisava de um jornal – lembrou a jornalista. O Jornal Marco Zero, segundo o também jornalista Edgar Rodrigues, permaneceu em exercício até o ano de 1985.

- Depois que ele largou – o jornal – e passou para o cara que na época era o chefe de redação, o jornal caiu porque passou a se atrelar com política -, recordou Alcinéa, que ainda comentou que – esse tipo de coisa acontece até hoje – referindo-se à dependência política que os jornais impressos até hoje praticam; o famoso “jabá”, que faz com que o jornalismo deixe de ser jornalismo. Essa é uma das reflexões que a jornalista nos incitou durante a conversa.

- Eu acho que trabalhei em todos os jornais daqui. Alguns de



forma fixa e em outros fazendo ‘freela’ (como se chama o trabalho esporádico, sem vínculo empregatício) - disse a jornalista, apaixonada pelo jornalismo impresso, que lembra com saudosismo do ambiente de redação.

A redação do impresso

Naquela época, como relatou anteriormente a jornalista, a matéria tinha muito texto e pouca ou nenhuma imagem. Segundo Alcinéa, também não havia a possibilidade de mudar as fontes do texto, como há nos dias atuais sabe-se lá quantos recursos de fontes.

- Era linotipo (nome dado a uma máquina de composição, onde eram fundidas linhas inteiras em um único bloco para impressão) então eram somente duas fontes. Não é como hoje, quando se tem um buraco no jornal e o texto está no corpo doze, o editor aumenta para o quatorze - disse, confessando ainda que sente muita falta das redações dos anos 70, 80, 90.

- A redação era muito bacana. A gente “das antigas” sente muita falta dessas redações. Era uma mesa imensa com as máquinas de escrever, então eu estava sentada aqui fazendo a minha matéria, do outro lado estava o outro fazendo a matéria dele. Aquele barulho da máquina de escrever, aquela sacanagem. Um enchendo o saco do outro... um passando e tirando o papel da máquina e o outro vinha e rasgava a matéria do outro e tal - descreveu Alcinéa, como quem sente vontade de, se possível, se “tele transportar” para o passado não tão distante, época da qual, só no olhar e sorriso.

Alcinéa trabalhou ainda, em 1978, no jornal Amapá Estado, também fundado por Haroldo Franco. Deste ela também sente muita saudade e relata um pouco do ambiente descontraído que era.

- Eu lembro que quando eu trabalhava no Amapá Estado ainda era na máquina de escrever, mas era mais moderna. E aí eu lembro que



sempre perguntava uma coisa ou outra a alguém, e quando foi um dia um colega disse: ‘Alcinéa, tu me irritas, tu me atrapalhas. Eu estou trabalhando e tu vens conversar. Aí eu perco tudinho. Eu não sou igual a você, que pode estar o maior barulho e não perde a linha de raciocínio’ - lembrou a jornalista, com um largo sorriso no rosto, dizendo ainda que foi desta vivência “louca” de redação de impresso que ela aprendeu a fazer mil coisas ao mesmo tempo, sem perder o foco.

- E dessa escola que eu vim, acostumada com o barulho, acostumada com você estar aqui fazendo uma matéria e de repente ter que parar para ir fazer outra e depois voltar para aquela sem perder o fio da meada – orgulha-se.

Relação do jornalista com leitor e fontes

É costumeiro ouvirmos jornalistas, em pleno ano 2017, reclamarem das fontes “estrelas”, que não gostam de dar entrevista, que são pouco ou quase nada simpáticas. É notório também o distanciamento entre o profissional e o leitor que não tem liberdade para opinar sobre como gostaria que a notícia chegasse até ele, ou sobre o conteúdo das notícias.

Pois bem, Alcinéa lembra que naquela década o leitor tinha total liberdade de chegar na redação e opinar, elogiar, criticar. “O contato era mais próximo com o leitor. O leitor ia lá. Quando não saía o horóscopo então, aí é que eles reclamavam mesmo”, lembrou a jornalista. Sobre as fontes “amáveis”, Alcinéa comenta:

- Hoje você às vezes vai marcar uma entrevista e o cara não atende, não dá logo retorno. Na época em que só havia o Jornal do Povo e tinha aqueles outros que surgiam e sumiam, você chegava em uma Secretaria e o cara parava tudo para te atender, por que era a grande novidade e ele dizia que o rádio no outro dia o pessoal esquecia, aquela coisa de ‘palavras o vento leva’, o jornal não... o conteúdo fica. Daqui há um século se alguém for procurar vai estar lá – disse Alcinéa, gesticulando como se



tivesse algo nas mãos, um documento, por exemplo.

Naquela época jornalista de jornal era tratado com “tapete vermelho”, segundo Alcinéa. Ela relata que os secretários mandavam motoristas para buscar, em carros pretos, os repórteres na porta do Jornal. “Mas também quando tu davas uma porrada nele... nossa!”, exclamou Alcinéa, dando a entender que o jornalista também não podia abusar da bondade ou criticar estas fontes, senão as regalias eram suspensas.

Alcinéa trabalhou também nos jornais “A Folha do Amapá” e “O Amapá Estado”; este que foi o veículo a montar o primeiro parque gráfico em offset (método de impressão indireta, com utilização de cilindros de borracha, um dos mais utilizados pela indústria gráfica desde o século XX) do estado, que gerou inclusive algumas divergências com o Jornal do Dia, fundado em 87 e existente até hoje no Amapá. A jornalista também colaborou e contribui até hoje com veículos nacionais como Gazeta Mercantil, Revista Agro Amazônia, Estadão e O Globo. Também já escreveu para veículos internacionais.

Há alguns anos Alcinéa aderiu à ideia de criar um blog, que ela define como “o meu blog eu sempre disse que ele não é um blog jornalístico, ele tem jornalismo. Antes ele tinha muito mais e eu fui diminuindo. Meu blog é meu brinquedo!”, diz a jornalista.

Alcinéa é protagonista de uma história profissional inspiradora, filha da professora Delzuite Maria Carvalho Cavalcante e do poeta e jornalista Alcy Araújo Cavalcante, que também foi pauta de nossa entrevista, mas de quem iremos falar em um outro momento do livro, por ser um personagem indispensável e com grande contribuição ao jornalismo amapaense.

Ao fim da entrevista, Silvia Andréa pede para tirar fotos dela ao lado dos inúmeros livros e em frente ao seu computador, com a tela aberta em seu blog. Ela volta a indagar: - Aí eu quero saber o seguinte, se tu vais

me fazer magra, bonita e nova?! – não teve jeito, caímos na risada novamente. Aliás, foram risos do início ao fim.

Generosa e disseminadora de conhecimento, ela diz que tinha muito mais livros, mas que em um determinado momento os doou, após refletir que, “Eu preciso passar livro adiante, não adianta eu prender. Conhecimento é para ser compartilhado”.

Bibelôs e Origamis

Em um momento anterior da entrevista, Andréa, ao ver na estante diversos papeizinhos de fazer origamis, pergunta:

- Gosta de origamis?

- Gosto bastante! Vivo fazendo origami. Lá fora tem muito. E tu gosta? – indaga ela à Andréa, que responde:

- Eu tenho muita vontade de aprender a fazer.

- Ah, eu te ensino! Quando quiser eu te ensino! Vou fazer uns Origamis para presentear vocês.

Começamos a nos despedir, ainda no escritório e então caminhamos para a sala.

- Esse é meu filho – o filho dela havia chegado em casa enquanto conversávamos e estava sentado ao lado do pai. O cumprimentamos e ela, espontaneamente comenta - Ele não quis ser jornalista. Ainda fez um semestre.

- Mas você falou para ele a mesma coisa que teu pai te falou? – Perguntei, referindo-me à frase que Alcy Cavalcante disse a ela: “jornalismo não dá dinheiro”.

- Nem foi preciso – respondeu Alcinéa, e mais uma vez caímos na gargalhada.

No pátio de sua casa há muitas plantas, rosas e, como não podia faltar, mais origamis, pendurados por todos os lados.

- Eu vou fazer móveis de origamis para presentear vocês. Quando eu não tenho nada para fazer eu sento aí – apontando para as cadeiras que estavam no pátio - e faço, faço, faço...

Atentados sofridos

Quando já estava para abrir o portão para sairmos, a jornalista lembra de um dos “contras” da profissão. Sim, pois não são somente prós. Alcinéa sofreu atentados, quando em determinados momentos de sua carreira, mexeu com “gente grande” do Estado.

- É muito complicado. Já deram tiro na frente da minha casa, na época daquela CPI do narcotráfico. Eu senti assim – ela simula - sabe quando tu sentes o vento da bala? Isso aconteceu por duas vezes comigo – lembrou a jornalista.

Ela ainda complementa:

- Outra vez um político contratou um pistoleiro para me matar. Eu descobri e eu fui falar com ele - com o político - Aí o político falou para o pistoleiro ir embora e acabou com tudo. Anos depois o pistoleiro volta. Mas aí eu já fiz amizade com ele e eu perguntei dele: ‘bicho tu ias me matar mesmo era?!’; Ele disse: ‘Alcinéa, era o meu trabalho’. E ele me contou tudinho. Alugaram uma casa para ele quase nos fundos da minha. Ele disse que a minha sorte foi eu descobrir o atentado um tempo antes de chegar a arma que ele estava esperando – contou.

Na conversa com o pistoleiro, Alcinéa soube que era constante-



mente observada e que se não tivesse descoberto a trama, nem estaria mais neste mundo para contribuir com nosso trabalho.

- Ele disse ‘olha, depois do almoço, por volta de meio dia e quarenta a uma hora da tarde, tu sentavas na área para fumar um cigarro. De lá, com a arma que estava para chegar, eu te mataria e tu saberia nem de onde’. Ele falou para mim: ‘a tua sorte’ – e eu disse que foi porque eu sou do bem – disse a jornalista.

Impactadas com a história que acabamos de ouvir e ao mesmo tempo aliviadas com o fato de ela estar ali, muito sã e salva, bem em nossa frente, a abraçamos, agradecemos pela noite extremamente proveitosa e alegre, e nos despedimos novamente, desta vez para valer. Os cachorritos, muito queridos, participaram da despedida também, da mesma forma de quando chegamos, eles ficaram no portão, até nos perder de vista.

Capítulo 5 - Humberto Moreira

“A gente pegava o noticiário local e o noticiário nacional por meio de código morse e por meio do telégrafo”

Afirma o jornalista Humberto Moreira ao lembrar as características e os desafios de trabalhar com seu veículo de comunicação mais querido, ainda na década de 70: o rádio



Foto: Eloisy Santos

Silvia Andréa Maciel

- Em Macapá são 12 horas e 12 minutos. Está começando mais uma apresentação do Bola ao Centro pela sua rádio Difusora, com as informações mais importantes do dia do mundo esportivo. Você vai ficar por dentro de tudo que está rolando no futebol brasileiro e em outros esportes. Vamos começar pelo Botafogo, o Botafogo está jogando basquetebol na capital do estado do Amapá pela Liga Ouro que dá acesso a NBP que é a elite do basquetebol nacional, portanto o Botafogo está em Macapá jogando contra o Santos e joga futebol no próximo domingo também pois está na Copa Libertadores da América e no dia 14 vai jogar contra o Estudantes de La Prata no estádio Engenhão. É um jogo decisivo para o Botafogo e as pretensões do alvinegro de continuar na



competição. O campeonato carioca decide no próximo domingo com o jogo entre as equipes de Flamengo e Fluminense a taça Guanabara. Eles quase não conseguem um estádio para o jogo, porém a federação carioca de futebol conseguiu através de uma liminar que o Botafogo cedesse o seu estádio para a realização do clássico entre Flamengo e Fluminense.....

Não, caro leitor, você não está enganado. Faltam vírgulas e pontos no parágrafo que você acabou de ler. Mas foi intencional, devo admitir, o objetivo é fazer você ler exatamente como foi falado.

Sabe aquela narrativa de jogo de futebol feita no rádio? Aquela que parece que o narrador não tem a menor necessidade de parar para respirar? Pois é, é desta forma que o radialista e jornalista Humberto Moreira, nascido em Macapá no dia 8 de maio de 1950, começa seu programa.

Ele nos recebe em sua casa, em uma tarde de sábado, com o sol acanhado por trás das nuvens e a chuva ameaçando dar o ar da graça.

O que vemos a nossa frente é um homem moreno, de estatura mediana, cabelos curtos em uma mistura de grisalho com preto, óculos de grau retangulares e barba por fazer. Seu andar é lento e apresenta certa dificuldade, ocasionado por um ataque cardíaco, a luta que trava com a idade e com a recuperação da saúde que teima em não ser tão rápida quanto gostaria.

Ao primeiro contato, logo somos abrilhantadas com sua entonação de voz forte e potente, a sua característica mais marcante. Ele conta que é normal ser reconhecido por onde anda ao começar a falar, justamente pela sua voz singular.

Com um currículo de dar inveja, experiência não lhe falta. Humberto tem história nos 3 veículos de comunicação: rádio, impresso e TV, mas começou sua trajetória no mundo da comunicação pelo rádio, sua



grande paixão até hoje, na época era ainda muito jovem com apenas 17 anos.

Trajando uma bermuda simples de cor clara, chinelo de dedo e sua fiel amiga, uma camisa do time de coração: o Botafogo. Ele nos acompanha pelo pátio em frente a sua casa e nos leva até uma mesa pequena com 2 cadeiras ao redor, nos sentamos enquanto ele busca a terceira para sentar-se. Latidos de cachorros ao fundo, logo Humberto reaparece e nos tranquiliza: - Eles estão presos lá atrás não se preocupem.

E começamos nossa conversa.

Humberto nos conta que é radialista pelo talento nato que trouxe consigo desde o nascimento. Já atuando na área do jornalismo há anos resolveu ir para a faculdade juntar a experiência prática com o que poderia conhecer de teoria. Hoje é formado como Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

- Na década de 60, eu participava do grupo Escoteiro Macapá, e lá tinha um serviço de autofalante que eles chamavam “boca de ferro”. Eu participava como brincadeira na sede dos escoteiros da tropa Veiga Cabral, no bairro do Laguinho e a gente brincava de rádio. Certo dia, em agosto de 1967, houve um teste para locutores da Rádio Difusora, na área do esporte, eu fiz e fui aprovado.

Ele acrescenta que naquela época trabalhar em rádio como locutor era para poucos e talentosos, não era qualquer pessoa que conseguia a vaga, precisava ter boa leitura para acompanhar os textos que deviam ser lidos durante os programas, ter uma bela voz, dicção impecável, respiração certa. Enfim, um verdadeiro jeito para a coisa.

- Não é como é hoje onde basta ter dinheiro e comprar o horário, independente se você conhece alguma coisa de rádio ou não, se tem voz



ou talento. Tendo poder aquisitivo, o horário é seu.

Voltando ao início de sua carreira, Humberto relembra como era o processo de apresentação e de dar a notícia no rádio. Ele apresentava um programa de nome Momento Esportivo, na Difusora.

- A gente fazia o programa com script. O sujeito tinha que ir na máquina de escrever e bater tudo o que ele ia falar, nas laudas de papel. Não se fazia programa de improviso, era tudo lido diretamente do que estava escrito.

O rosto cansado e sonolento entrega que atrapalhamos seu sono da tarde. O descanso do fim de semana. Mas é por uma boa causa e a cada pergunta, uma resposta. Logo a fadiga vai dando espaço para um homem focado e atento aos detalhes.

- A gente pegava o noticiário local e o noticiário nacional que também era colocado através de agência de notícias, na época as informações chegavam por meio de código morse, por meio do telégrafo. Tinha um telegrafista na rádio que trabalhava conosco para captar as informações. Ele ficava com fone de ouvido, ouvindo o código e passando para a máquina de escrever e dela para a folha de papel. As notícias de esporte também chegavam assim naquela época. A gente fazia a parte local, compunha e redigia e o telegrafista trazia as informações nacionais. Depois de 2 anos fazendo isso na rádio, eu passei a apresentar outros programas que não eram de esporte. Tudo isso na Difusora.

Mas o esporte não o deixava, ambos eram como imãs, sempre se atraindo e com tendências a ficarem juntos para sempre. Foi quando apareceu a oportunidade de ser locutor de futebol, Humberto não pensou duas vezes, sabia que tinha talento para a coisa, fez o teste e entrou no ramo, ramo este que segue até hoje: - Fiquei bastante tempo na difusora apresentando programas de rádio como os musicais, de esportes, de variedades e narração esportiva. E faço isso até hoje.



Peço que cite os veículos de comunicação por onde passou e recebo como resposta uma lista bem extensa:

- Ainda hoje sou funcionário da Rádio Difusora, mas estou cedido como assessor de imprensa de um senador. Durante 10 anos trabalhei para a RadioBrás que era uma empresa nacional de comunicação, cheguei à gerência local desta rádio. Trabalhei no Jornal do Dia durante 4 anos, no Jornal Hoje, na Província do Pará como correspondente esportivo, no jornal A Gazeta, como editor de esporte e em outros que agora nem lembro o nome. Em 1974 fui para a televisão, quando ela ainda era do governo, logo depois ele vendeu para a Rede Amazônica e eu fui junto, trabalhei durante 19 anos lá. Comecei como apresentador de programa esportivo e depois passei a apresentar o Jornal do Amapá. Cheguei à chefia de jornalismo durante um tempo. Trabalhei também no SBT apresentando o jornal do SBT. Fui assessor de imprensa da Prefeitura, secretário de comunicação da prefeitura, assessor de imprensa da saúde, assessor de imprensa... deixa eu lembrar... - Eu o interrompo: Nossa, o currículo é extenso. E ele responde com um pequeno sorriso.

- Sim, é muita coisa, muita coisa.

Ele então lembra de mais nomes e continua:

- Trabalhei na Rádio Cidade, na Rádio Marco Zero, Rádio Equatorial. Aparentemente satisfeito com a quantidade de nomes que conseguiu lembrar, ele finaliza: - Eu tenho um currículo que parece uma folha corrida de político amapaense.

Então rimos do comentário.

Humberto parece um homem calmo e sereno, pouco se mexe na cadeira onde sentou, recebe as perguntas que fazemos e prontamente as responde. É impressionante que lembre de tantos detalhes, sejam dados, fatos, nomes, datas, placares de jogos, parece que está tudo ali, de fácil



acesso a todo momento.

Resolvo aproveitar esta memória viva e pergunto sobre os equipamentos da época. Como era a rotina de um profissional de comunicação. Humberto balança a cabeça em sinal de confirmação, ele entendeu o que eu queria saber e já está pronto para contar o que lembra.

- Teve uma fase na minha carreira que eu praticamente ficava o dia inteiro na rádio, e as vezes ficava parte da noite também. Porque eu trabalhava na Rádio Difusora e na Antena 1 FM. Lembro perfeitamente que as coisas eram muito empíricas. O rádio, por exemplo, tocava discos de vinil, o famoso bolachão. Quando entrei na Difusora ainda era na época do acetato: um disco de 78 rotações que chiava que só. As propagandas eram gravadas lá e até mesmo as músicas.

Empolgadas, o instigamos: - E o que mais? Os equipamentos eram semelhantes aos atuais? Ele rapidamente confirma o que já sabia:

- Não, não mesmo.

E continua a detalhar.

- A mesa de som era com válvula. Porque antigamente o rádio tinha uns cilindros dentro que acendiam e ficavam incandescentes, eram as chamadas válvulas. Quando você as apagava, eles iam apagando lentamente até sumir. Tinha também o operador no estúdio que ficava em uma sala separada, hoje não é mais assim (refere-se as práticas técnicas aqui no Estado). Era um estúdio para cada um, para me comunicar com o operador, eu tinha que gesticular, fazer sinais através de um vidro grande que dividia as nossas salas.

Humberto está sentado de costas para a rua em frente a sua casa, a rua permanece vazia, poucos pedestres passam em momentos esporádicos. Está tudo calmo, somente entrevistadoras e entrevistado conversan-



do e relembrando a história da comunicação amapaense.

Em alguns momentos a nostalgia toma conta de nosso personagem ao ponto dele ficar um pouco saudoso e triste. Ele lembra que esteve entre a vida e a morte há poucos meses atrás e nos diz que está escrevendo um livro. Ele tem medo de que suas memórias se percam e seu nome vá junto com elas.

Mas Humberto se recupera do momento de nostalgia e volta a descrever os equipamentos do rádio que fizeram e fazem parte de sua história.

- Não tinha link, a Rádio Difusora utiliza um transmissor que ficava fora do estúdio, meio distante da sede da rádio, ficava na rua Cândido Mendes onde é até hoje. Do estúdio até o transmissor havia uma linha, ou seja, um fio que ia levando o som até o transmissor. Quando aquele fio quebrava subia gente no poste para mexer na energia ou telefonia e o sujeito acabava quebrando ainda mais. Ele então tinha que ir de poste em poste para encontrar onde estava quebrada a linha para poder resolver. Era uma verdadeira confusão. Hoje é link, você joga o aparelhinho e joga o sinal direto para lá sem ser preciso se preocupar com isso. E os microfones... ah... os microfones eram realmente enormes.

Ele lembra uma memória em particular que envolvia esses grandes microfones. Humberto está acostumado a narrar histórias e acontecimentos de forma a fazer com que o ouvinte veja mentalmente o que ele está dizendo.

- Eu lembro que antes de ir trabalhar na rádio, eu cantei. Tinha mais ou menos 10 ou 11 anos quando participei de um concurso na rádio. Os microfones eram tão grandes que a primeira vez que fui me apresentar, eu fiquei com vergonha das pessoas que estavam na minha frente, mas na hora percebi que não precisava, pois o microfone que tava na minha frente era tão grande que não deixava que eu visse o público que



estava na minha frente. Então eu me escondia atrás daquele microfone e ficava mais tranquilo. Cantei e fui colocado em primeiro lugar. Por causa disso canto até hoje.

Questiono sobre seu relacionamento com o rádio. Pelo que ele já nos contou é muito próximo e começou cedo. Ele sem pestanejar confirma:

- Sempre gostei de rádio, era uma coisa que estava ligada na minha casa 24h.

- Então era uma parte importante da sua vida, do cotidiano da sua família? – Indago novamente. E ele empolgado continua:

- Era como a gente faz com a televisão hoje, tem gente que liga a televisão e ninguém está vendo, mas ela está ali ligada, se fazendo presente, necessária. O rádio era assim antigamente, ouvia-se de tudo, música, o que tava acontecendo na cidade e no mundo. Eu estava sempre ouvindo o rádio, pois deixávamos ele com um volume suficiente para que o ouvíssemos mesmo andando pela casa.

As horas passavam e o rádio estava ligado, era seu companheiro de todas as horas. Agora entendo sua paixão e vida dedicados a este veículo. Pergunto sobre a programação, duração dos programas. E ele me diz que a duração média era de uma hora, mas havia exceções.

- Na década de 70, mais precisamente em 78 quando eu fui para a Radiobrás, eu apresentava um programa chamado Rádio Comunidade que começava 1 hora da tarde e terminava às 18 horas. Acontece que a Radiobrás era a única emissora de radio FM que tinha em 78. A televisão estava no começo de sua história também. A gente ficava a tarde toda apresentando o programa, porque ele tinha diversos quadros e iam mudando, era um quadro de testes, outro só de música e então tínhamos conteúdo para a tarde inteira. Era um programa longo, mas dava para



fazer...e bem.

Vale explicar para você, caro leitor, o que é essa tão mencionada RádioBras, palavra que você vai encontrar em outros capítulos deste livro. A RádioBras foi criada em 75 para controlar a emissoras de rádio e televisão de todo o Brasil. Após alguns trâmites e interesses (que não vamos entrar em detalhes, você precisa somente ser situado sobre o que está lendo e não se tornar um expert no assunto), ela foi vinculada ao Ministério das Comunicações, nos anos de 1988 e após a criação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), a RádioBras foi incorporada a ela e tornou-se uma nova empresa. Esta última versão da RádioBras, agora com o nome de Empresa Brasil de Comunicação (EBC) é a responsável por veicular o programa radiofônico Voz do Brasil que você acompanha todos os finais de tarde pelo rádio.

Agora que você já não está mais perdido no assunto, podemos continuar contando sobre a vida e as lembranças de nosso personagem, o Humberto Moreira. Uma de suas lembranças mais marcantes data da época em que o mesmo tinha apenas 8 aninhos, quando segundo ele, acompanhou pela primeira vez a transmissão de uma Copa do Mundo.

- Me lembro que era um monte de gente ao redor do rádio que chiava muito e a voz de um cara transmitindo o jogo. Eu ficava olhando... via as pessoas animadas, bebendo cerveja, todos atentos aos sons do rádio, e vibrando em determinados momentos. Me perguntava: - Égua, que negócio é esse? Hoje sei que era a Copa na Suécia que eles estavam ouvindo, em 58. Nunca me esqueço.

E na Copa de 70, nosso personagem conta que já estava na rádio, trabalhando nesse dia, mas ainda não transmitia os jogos. Ele lembra que em 1974 o governo resolveu que queria transmitir a Copa na Alemanha. As pessoas já acompanhavam a competição pelo rádio, ao vivo, mas o então governador Artur Henning resolveu que ia comprar uma emissora de televisão para fazer a transmissão pela TV. E adivinhem onde ele instalou. Na sede da Difusora, onde Humberto já trabalhava.



- Eu trabalhava com esporte na Difusora, fazia programas de música também, nunca deixei o esporte. Ai eu fui para televisão, mas a transmissão não foi ao vivo. Foi assim: o jogo era meio dia na Alemanha no nosso horário aqui e quando terminava, tinha um avião que trazia o videoteipe, que chegava aqui só às 5 horas da tarde e nós assistíamos o jogo, ou melhor, a gravação dele.

Ele então começa a rir e afirma que todos já sabiam o resultado do jogo, porque acompanhavam pelas rádios que transmitiam ao vivo. As pessoas assistiam somente para ver as imagens.

Como já foi dito, Humberto também trabalhou em outros veículos e não podíamos deixar de questionar os detalhes sobre o jornal impresso e a televisão. Começo perguntando pelo impresso e Humberto me apresentava com uma minuciosa descrição de como era o processo de impressão daquelas folhas grandes, cheias de letras, encarregado de levar informação à população.

- Quando comecei o impresso ainda era composição por meio de régua de paica. – Ele dá uma pequena pausa dramática para que reflitamos sobre essa informação. Quando percebe que tem seu pequeno público de duas pessoas, atento e ansioso por mais informações, continua:

- Era composição manual, onde você escreve em um papel e dá para o cara que compõe. Ele tem uma caixa e enfiava todas as letrinhas que você utilizou para escrever o texto, uma por uma. Ai vai botando uma por uma no jornal para escrever cada palavra: coloca o p, o a, a letra r e depois o a novamente e está pronta a palavra PARA. Você então coloca um espaço de chumbo que é uma tecla que representa o espaço, as letras também são de chumbo, e ali você vai compondo. Aí você enche aquela página e pronto. Está pronta, mas é claro que isso foi só para fazer uma página, o processo se repetia para as demais, até que estivesse completo o jornal. Então ia tudo para a prensa. Era como se você pintasse as letras da página todinha e depois prensasse no papel, aquilo imprimia no papel definitivo. Demorava bastante e eram vários caras compondo as páginas.



Ele acrescenta que não eram colocadas fotos, até porque com este método, não havia como prensar imagens no papel do jornal, até porque não tinha como diagramar com auxílio de programas multitarefas como fazemos hoje. Para medir a página e fazer com que o texto coubesse era utilizada a tal régua de paica, que o responsável pela composição da página colocava em cima do papel e media para saber se a matéria que tinha em mãos caberia no espaço a ela destinado.

- Ele também media por número de caracteres. - Conta nosso personagem.

Esse método só mudou na década de 80, com o Jornal do Dia que segundo Humberto foi um dos precursores desta mudança inovadora para a época. Assim o processo tornou-se mais moderno e passou a incluir imagens.

Quanto ao conteúdo, Humberto afirma que eram as notícias do cotidiano, mas principalmente do governo, já que era feito por pessoas de fora do Estado, nomeadas pela presidência da república.

- Na época da ditadura então, eles colocavam sempre um militar aqui de plantão como governador, da marinha ou do exército, não tivemos da aeronáutica. As notícias que hoje chamamos de cidade, eram poucas, até porque a estrutura dos jornais não permitia.

Aproveito que o assunto parece concluído e emendo o questionamento sobre o próximo veículo de comunicação: - E a tv? - Pergunto.

- Rá... (ri para si mesmo), a tv....

- E era um negócio de qualidade péssima. Cheia de interferências e chuviscos. O governador da época comprou transmissor antigo, uma câmera muito ruim e arranjaram um vídeoteipe enorme, com uns rolos de fita enooooormes que vinham de Belém. Quando chegava aqui a gente



instalava e tinha dois caras que trabalhavam como técnicos lá. Mas eles não conheciam muito de televisão. Às vezes a imagem estava horrível, o corpo do cara corria em uma parte da tela e as pernas lá atrás (Humberto gesticula apontando para um espaço no ar tentando mostrar a dimensão da distância entre corpo e pernas dos jogadores na tela da televisão). Era tudo torto, mas para aquela época era maravilhoso, muito bacana. Todo mundo achava fantástico.

Humberto conta que no começo a TV era simplesmente um rádio com imagem, pois não possuía matéria, entrevista, programas, realmente nada. O sinal entrava no ar 7 horas da manhã e era retirado às 22h horas. E com o término da Copa do Mundo, no fim de julho, ficou a questão no ar, o que seria feito para manter a televisão no ar?

O governo achou que poderia continuar utilizando a TV para dar as notícias dele e resolveu fazer um jornalismo na TV. E lá estava Humberto de novo, com um programa de esporte na TV, chamado “Operação Esporte”.

- Eu pegava as notícias que tinham no programa de rádio, levava para a televisão e lia. A imagem era só o meu rosto em formato 3x4. Isso em 1974. Agora imagina fazer um programa de meia hora na televisão sem nenhum externa, ninguém para poder entrevistar, porque era só uma câmera e a câmera não tinha capacidade para abrir o zoom e pegar outra pessoa. O negócio era um tormento porque ninguém entendia nada de iluminação, de manipulação de equipamento, de nada. Tudo era na base do achismo. Os técnicos pegavam refletores incandescentes e jogavam a luz em cima da gente e nós suávamos demais na frente da TV, no ar. E as pessoas percebiam que no começo estávamos secos e no fim já estávamos todos desmontados. – Conta Humberto enquanto passa a mão pelo rosto e pescoço lembrando do calor que sentia naquela situação. É claro que todos rimos.

Não satisfeito, ele ainda nos conta um fato relacionado a esta lem-



brança: - Eu tinha uma sobrinha morando em Santana que veio nos fazer uma visita aqui na capital. A mãe dela contou que na casa dela, elas estavam vendo o programa e viram que eu estava todo suado e minha sobrinha disse: ‘mamãe, vou pegar um pano para enxugar o titio que ele tá muito suado’. Ela não compreendia que aquilo era só uma imagem, é a inocência das crianças. – Finaliza.

Retomando a história da televisão no Estado, nosso personagem explica que em meados de novembro o governo percebeu que não tinha como manter a televisão funcionando, com ele mesmo a controlando.

- E agora? Quem iria trabalhar com isso? – Questiona Humberto durante sua narrativa. - Os funcionários públicos não tinham experiência para pegar esta responsabilidade. Tinha que passar para a frente da televisão e foi quando o governo decidiu vender a concessão para o empresário Phelippe Daou. A televisão parou em novembro, passou dezembro sendo montada e quando foi no dia 25 de janeiro de 1975 (sim nós ficamos surpresas com a memória nítida do Humberto quanto a esta data), inauguramos a televisão. E eu fui junto para a TV Amapá.

Humberto mostra que tem um pensamento acelerado e sua fala não foge disso. Característica da maioria dos comunicadores, principalmente os de rádio que tem que preencher seu tempo de programação com o máximo de fala e informação. Pouco nos sobra para fazer novas perguntas, ele mesmo segue a cronologia da história, em diversos momentos só nos resta acompanhar. Tudo que precisamos já está sendo dito. Palmas para este brilhante comunicador.

Logo após mencionar sua atuação na TV Amapá, Humberto já emenda uma história que lhe vem à mente. Com o olhar vidrado no nada, ele continua sua narrativa. Para ele esse recomeço da televisão agora sob a condução de uma empresa, era de certo modo engraçado.

- Me lembro que o apresentador do jornal era o Benedito Andra-



de, já falecido. Um locutor de voz pulsante. Durante uma de suas transmissões, ele fazendo o jornal, de repente uma mosca entra no estúdio da Rádio Difusora (Lembram? A Televisão funcionava nos estúdios da rádio Difusora, até mesmo depois que passou a ser conduzida pela Rede Amazônica), e ela pousou no rosto dele, começou a andar pelo rosto do coitado...

Curiosa eu o interrompo:- E não dava para pausar, tirar a mosca e recomeçar a gravar?

- Não, claro que não. Não tínhamos como parar e perder o material que já tínhamos produzido, era uma perda grande. Tinha que ser gravado de uma vez só. E foi isso que meu colega fez. Vocês sabem que mosca incomoda muito, não é mesmo? – Nos indaga Humberto rindo muito da situação que agora permeia em sua mente, nas mais nítidas porém longínquas lembranças.

Em seguida ele começa a gesticular e fazer caretas, dizendo: - Era assim que ela fazia, tentando continuar a dar as notícias. Quando ele finalmente conseguia fazer ela voar, para sua infelicidade ela apenas mudava de lado, pousando no lado oposto de seu rosto. Era uma mosca muito teimosa.

Humberto ri, e por um momento se cala. É possível perceber que a busca por essas memórias lhe traz diversos sentimentos que em muitos casos são guardados e esquecidos. Ele então se volta para suas entrevistadoras e afirma:

- São boas lembranças. Mas nós comemos o pão que o diabo amassou para fazer a TV.

O Naufrágio do Novo Amapá

Como a maioria dos entrevistados que você já acompanhou nes-



te pequeno livro que tem em mãos e os que ainda vai ler sobre, o triste acontecimento do Naufrágio do Novo Amapá não passou em branco nas memórias de Humberto Moreira.

A história do Estado do Amapá não foi mais a mesma depois deste acontecimento que vitimou mais de 300 pessoas, dentre corpos encontrados e outros que o rio Cajari levou.

Segundo matéria do G1 Amapá, publicada no dia 17 de outubro de 2016 e atualizada em 04 novembro do mesmo ano, a tragédia aconteceu no dia 6 de janeiro de 1981. Era um dia corriqueiro e aparentemente sem grandes surpresas reservadas. Um barco partiu do Porto de Santana para Almeirim no Pará. O nome da embarcação era Novo Amapá. Em seu interior iam famílias e entes queridos de pessoas que em terra os esperavam.

A embarcação saiu do porto de Santana, mas não chegou ao seu destino final, pois no meio do trajeto, o acidente aconteceu: o navio bateu em um banco de areia na imensidão do rio Cajari.

Considerada uma das maiores e mais tristes tragédias da Amazônia, é impossível que os profissionais de imprensa que atuavam naquela época e tiveram contato com a notícia do naufrágio, não se emocionem ou não se sintam marcados por ela.

Humberto é um desses profissionais. Dentre as diversas histórias engraçadas que ele nos conta sobre suas experiências enquanto jornalista ele destaca esta como a mais marcante. Infelizmente não era uma das felizes, fato constatado pelo poder de arrancar lágrimas do jornalista, que se encontra à nossa frente olhando para o nada e vendo tudo em sua mente ao mesmo tempo.

Ali naquele pequeno pátio em frente a sua casa, adquirida como fruto de anos de trabalho, vemos a mudança de ar, a melancolia tomando conta do ambiente e a tristeza crescendo, se fazendo presente.



Dentro da casa, sua família que provavelmente descansa. Um descanso merecido após uma semana longa e puxada de trabalho e estudos. Do lado de fora está Humberto sendo entrevistado pelas escritoras deste livro e para a nossa surpresa aquele homem calmo, por vezes sério e em alguns momentos engraçado, dá lugar a um homem abalado pelas memórias que vem a sua mente. É nesse momento que ele respira fundo e começa a narrar o inenarrável sobre a tragédia do navio Novo Amapá.

O silêncio agora se faz presente entre uma narrativa e outra do evento:

- Era 1981, quando eu fui cobrir o resgate do Novo Amapá. Eu era o único repórter lá e foi um negócio muito traumático.

Mais pausa, silêncio, ninguém na rua atrás de Humberto. Continuamos sendo somente nós três ali.

- Eram 192 pessoas mortas.

E novamente ele se cala. Não consegue continuar. Pede desculpas e diz não gostar de lembrar disso. Não falamos nada. Deixamos que ele se expressasse como achar melhor.

Respeitamos seu momento. Mas a dor em seu semblante é nítida.

- Eu estava trabalhando para a Rádio Nacional nesta cobertura, ao vivo, mas também escrevi depois para um jornal local.

Humberto para novamente, baixa a cabeça e a primeira lágrima escorre por entre os olhos e os óculos de grau. Esperamos que se recomponha e assim ele o faz. Levanta o rosto, enxuga a primeira lágrima e as que vieram em seguida. Assoa o nariz e volta para sua missão de nos contar mais.

- Imaginem a cena. A gente tá dentro de uma balsa com 192 cor-



pos putrefatos durante 4 dias e ficamos imaginando o sofrimento das pessoas que perderam esses entes queridos, a própria dor dessas pessoas ao verem suas vidas escapando. Foi um negócio que me traumatizou muito. Era o meu primeiro casamento e eu tive que contar muito com a minha família.

Ele para. Respira. E continua:

- Eu não queria mais. Não queria mais fazer esse tipo de reportagem sabe?

E ele finalmente nos olha nos olhos desde que começara a falar sobre o naufrágio. Parecia buscar nosso entendimento, nossa aceitação da dor que ele carregava com esta lembrança.

- Escrevi sobre, falei sobre e foi muito ruim para mim...

Novamente fica em silêncio e baixa a cabeça. Mas percebemos que a história acaba ali, pelo menos o que ele consegue dividir conosco. Humberto então certifica-se de que está com o rosto enxuto, se recom põe, respira e volta para o tempo presente, longe da tristeza de lembrar daqueles corpos putrefatos.

Este é o momento que sentimos que Humberto terminou sua narração sobre este fato, o desgaste emocional que o mesmo traz ao jornalista é notório e com certeza não conseguiremos mais informações dele sobre o ocorrido, além de lágrimas. O trauma é evidente, mas mesmo assim ele conseguiu dividir um pouco do sentimento que ele mantém guardado e escondido. Agradecemos por sua generosidade e mudamos de assunto...

“Mas também tenho lembranças boas nessa minha ficha corrida no jornalismo”, diz Humberto, após se desvencilhar das lembranças amargas que vivenciava em sua mente, segundos atrás.

Temos novamente o Humberto do começo, intercalando um ar



calmo e compenetrado entre pequenos risos de exaltação com as partes engraçadas e alegres de sua trajetória.

- Viajei para o Japão duas vezes. Aquilo é um local fora do comum, pensem em um povo diferente, que trabalha muito e merece toda a sua boa fama. Mas as mulheres, meu Deus, como elas gostam de usar saltos plataforma e se vestir de forma estranha. É um verdadeiro choque cultural. Também já narrei diversos jogos da nossa seleção, e do meu time do coração o Botafogo. E por falar em time do coração, aqui no Estado torço pelo São José, não vou negar que quando eu transmitia os jogos dele mexia mais comigo, e quando transmitia o jogo do botafogo então....

Aquele sentimento de melancolia que há alguns minutos atrás tomava conta do ambiente, agora já não existe mais. Humberto se foca em nos contar as partes boas e deixar aquilo para trás.

- Ontem eu transmiti um jogo do Botafogo e Santos, no basquetebol. Gosto muito desse esporte e transmitir ele, porque às vezes ele é muito mais emocionante de transmitir do que o próprio futebol, pois a cada cesta vale mais pontos e acontece com mais frequência. Em 90 minutos de narração às vezes não sai gol, no basquete não. Ontem faltava 6 minutos e estava tudo empatado e foi definido por 3 pontos no final, já nos últimos décimos. É um negócio muito emocionante. Eu costumo dizer que é um teste para cardíaco, e como sou cardíaco, foi minha provação. – Humberto abre um riso irônico. A tristeza da lembrança anterior e a luta que travou pela vida, há pouco tempo parecem pesar nesta risada.

Para melhorar o clima, brinco:

- Então parece que você passou no teste. Já que está aqui. – Questiono.

- É passei.

Nós três rimos. Então mudo de assunto:

- E sua paixão maior. Seria o rádio?

Ele confirma:

- É. Gosto muito mais do rádio do que de todos os outros veículos que já trabalhei.

Consegui. Agora sim o semblante de Humberto fica mais relaxado. Ele está em um campo seguro. Para ele, falar do rádio é um prazer.

- Olha, vou te dizer que o que mais me anima é o fato de você estar no imaginário das pessoas. Isso me emociona e me instiga. No rádio o ouvinte nem te conhece, mas quando me ouve falar perto dele, logo me olha diferente e me reconhece. É muito bacana quando isso acontece. É mágico. Espetacular. Fabuloso. O rádio não acaba. Só vai se adaptando. Inúmeros são seus elogios ao veículo de maior apreço. Ele lembra quando transmitia um dos maiores clássicos amapaense, São José e Ipiranga.

- A cidade se dividia, a parte sul era Ipiranga e a norte era São José. Era muito bom, ia muita gente assistir e a rivalidade era latente. Infelizmente hoje não tem mais isso.

Mas não vamos continuar falando disso, afinal, caro amigo leitor, você poderá acompanhar os detalhes sobre essa e muitas, eu disse muitas outras transmissões clássicas, quando Humberto conseguir finalizar o livro de sua vida. Não vamos adiantar tudo.

Capítulo 6 - João Silva

“A gente fazia jornalismo com amor; levava a sério”

O jornalista João Silva trabalhou em impresso, rádio e TV. Apaixonado pelo jornalismo esportivo, ele conta que, na época, uma “coqueluche era o clássico Ypiranga e São José”



Foto: Sílvia Andréa Maciel

Eloisy Santos

- Era uma alegria. Só havia jogos de domingo a domingo, então quando tinha um clássico a gente badalava a semana inteira e o povo ia para as ruas com as bandeiras dos clubes. O Glicério Marques enchia de torcedores apaixonados pelos clubes do Amapá.

João Cância Picanço e Silva, filho de Emanuel Serra e Silva e Antônia Picanço e Silva, nasceu em 07 de dezembro de 1946. Hoje servidor público aposentado, atua como jornalista no Amapá desde o ano de 1966, quando ingressou no jornal impresso “A Voz Católica”. João Silva, como é conhecido no meio jornalístico, foi reconhecido como profissional recentemente pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), é, portanto, jornalista provisionado.



Silva recebeu Silvia Andréa Maciel e eu, em uma manhã nublada de sábado na cidade de Macapá. A casa da família de João, desde sempre se situou próximo à hoje chamada de praça Veiga Cabral e ao Teatro das Bacabeiras. A sala é o cenário da entrevista, um ambiente arejado e iluminado pelo sol que timidamente aparecia entre as nuvens de chuva, com muitas janelas e uma brisa gostosa de se sentir, daquele tipo que dá até vontade de atar uma rede, sabe?

Então, nesse clima aconchegante iniciamos a conversa com João. Quer dizer, quase iniciamos. O gravador fez o favor de dar problema no começo da entrevista, mas logo resolvemos e conseguimos prosseguir. – Eu posso ir contando a minha história? – indagou o jornalista.

João ingressou no jornal “A Voz Católica” (que, segundo Edgar Rodrigues em seu texto “As Comunicações Sociais no Amapá” foi fundado em 1962) em 1966, para substituir seu irmão Raimundo Ubiratan Picanço e Silva, o “Rup Silva”, que escrevia para a coluna “Na Casa do Moleque Travesso”, uma coluna que tratava de assuntos sobre o Juventus Esporte Clube do Amapá.

- Moleque travesso como era conhecido o Juventus. A ideia era formar um time – no Amapá - só de jovens, inspirado na Juventus da Itália – explicou o jornalista, quando indagado sobre o significado do nome da coluna pela qual ele nutria tanto amor, e a responsável pelo pontapé inicial em seus quase 51 anos de caminhada jornalística.

- Foi um clube fundado pelos padres ligados à Prelazia de Macapá e que surgiu aqui ainda na década de 60, foi tri campeão amapaense e depois desapareceu. O meu irmão, que era titular da coluna passou no vestibular de medicina e teve que abandonar esta função – lembrou o jornalista. João permaneceu escrevendo para esta coluna durante cerca de quatro anos.

Como citado na linha de apoio deste texto (ou subtítulo, frase que,



no jornalismo, vem baixo do título), caro leitor, João Silva é um apaixonado pelo jornalismo esportivo e dedicou boa parte de sua carreira à esta vertente. Nesta época, era muito latente a censura do governo militar, mesmo na editoria de esporte, onde atuava o nosso personagem.

- Não era fácil. A minha atuação era mais na área do esporte, mas dava para sentir a pressão do regime militar. Alguns padres foram expulsos, presos e Dom Aristides se ofereceu para ser preso porque queriam censurar *A Voz Católica*, como realmente foi censurada. Aristides se levantou contra isso e os militares tiveram que recuar – descreveu João, relatando ainda que, um major monitorava a programação de esporte, inclusive quando havia narração no estádio Glicério Marques.

Rádio Difusora de Macapá

Pois bem, além de exercer seu ofício no “*A Voz Católica*”, João iniciou também sua trajetória na Rádio Difusora de Macapá (RDM), segundo ele em meados de 1968, convidado pelo seu cunhado à época, Benedito de Andrade Franco, que era radialista da emissora de rádio. - Aí aconteceu a minha ida para a Rádio Difusora, para fazer esporte, ser comentarista, também para cobrir a ausência do meu irmão Rup Silva – relatou o jornalista.

João contou que participava do “Momento Esportivo” e outros programas de cabine, lendo notícias de esporte com Humberto Moreira, Ivo Guilherme de Pinto e demais profissionais que faziam parte da equipe de esporte da Rádio Difusora na época, coordenados por Silas Ribeiro de Assis, diretor em exercício da RDM naquele período.

Aí você pergunta: mas o livro não tem como foco os anos 70? Sim, amigo leitor, mas para descrever as próximas etapas da atuação de João Silva, precisamos passar por estes anos finais da década de 60, a fim de não confundir sua cabeça e para que você compreenda esta trajetória.

Ingresso na Rádio Educadora São José

Em meados dos anos 70, mais precisamente no ano de 1968, segundo o historiador e jornalista que sempre iremos mencionar neste livro, Edgar Rodrigues, surgiu a Rádio Educadora São José.

O jornalista João Silva lembra que foi convidado, em 1972, por um padre chamado Jorge Basile, para começar a trabalhar na emissora. Nostálgico e com um sorriso no rosto, como quem lembra bons momentos vividos, João enfatiza que:

- Para mim, foram os melhores anos da minha vida no rádio, porque nos juntamos a uma equipe de amigos, Luiz Roberto da Mota Borges, Luiz Melo, J. Ney, Francisco Sales de Lima e começamos a movimentar o futebol amapaense. Eu fui para fazer esporte lá, ser comentarista. O futebol amapaense realmente cresceu muito por causa do trabalho que a Rádio São José fazia e a Rádio Difusora acompanhava – contou João, entusiasmado.

Naquela época, disse o jornalista, os equipamentos utilizados eram modestos, mas a Rádio Educadora veio para inovar neste aspecto.

- Eu lembro que a Rádio Educadora trouxe um padre que era engenheiro, ele entendia disso. Padre Domenico Botan, ele fez uns equipamentos modernos, os transmissores da rádio eram transmissores mais poderosos. Deu uma guinada nessa parte – contou João.

O processo de apuração das notícias a serem veiculadas na rádio era semelhante ao praticado nos dias atuais, contou o jornalista.

- Eu conhecia os dirigentes, eu ia aos treinos, a gente cobria as atividades dos clubes, e tal. Íamos à Federação de Futebol, à Federação Amapaense de Desporto para apanhar a notícia lá, nas Federações de Judô, de Basquete. A gente ia pessoalmente, conhecia, fazia os aponta-

mentos e levava para a rádio para transformar em notícia. Primeiro o texto era escrito, era feita a boneca do programa e depois a gente ia ler aquilo na rádio -, descreveu João.

O jornalista menciona que o horário de entrada na rádio para trabalhar, era sete e meia da manhã. - Colhia a notícia, redigia, transmitia o programa no ar e depois ia embora para casa. No outro dia de manhã estava lá de novo, telefonando para dirigente, conversando, apurando as notícias.

Quando indagado sobre ser censurado na rádio, o jornalista disse que a Rádio Educadora protegia muito os radialistas, ela não deixava que a censura interferisse no trabalho.

João, o fanático por jornalismo esportivo, chegou, em um momento de sua carreira, a galgar diferentes vertentes. - Na Educadora também apresentei um programa de música popular que se chamava “Via Preferência”. Foi aí que eu saí um pouco da área de esporte. Foi uma sacada, era só MPB [Música Popular Brasileira].

Feedback na Rádio

- O feedback era impressionante. O que a gente falava, o pessoal já interagia. Antes da televisão chegar era só o rádio mesmo. A gente era conhecido em toda parte. Era uma coisa emocionante. No meu caso, principalmente por causa da minha ligação com o futebol. As vezes mesmo eu dizendo que o cara era perna de pau, não estava jogando bem, mas havia respeito e futebol em grande nível naquela época. Hoje o futebol amapaense caiu muito, infelizmente – lamentou o jornalista.

João ainda relatou que um dos momentos mais marcantes da década, foi a cobertura do Copão da Amazônia, no ano de 1975, que aconteceu em Porto Velho, Rondônia, tendo como primeiro campeão o Esporte Clube Macapá.



- Nós transmitimos os jogos de lá para cá, em julho de 1975. Eu era comentarista e o Nilson Montoril era o narrador da Rádio Educadora. Foi transmitido pela Rádio Difusora também, com Humberto Moreira como narrador e como comentarista, Guilherme Jarbas – lembrou João.

Ao perguntarmos qual sua maior saudade da década no rádio, João não titubeia e, prontamente responde:

- Comentar os jogos de futebol no Glicério Marques – disse o jornalista, com saudosismo e um largo sorriso nos lábios.

Notoriedade Nacional

Do ano de 1972 até 1978, João foi correspondente, no Amapá, das revistas de abrangência nacional, Placar e Veja. A passagem pela revista Placar, segundo o jornalista, foi também um momento especial de sua trajetória. Nesta, ele escrevia sobre o que mais lhe enchia os olhos: o futebol.

- Eu escrevi várias matérias sobre o futebol amapaense na Revista Placar que foi sem dúvida uma das revistas de maior prestígio na mídia esportiva do Brasil, porque tinha uma proposta diferente das outras. Trabalhei com Zé Maria de Aquino, que foi um dos idealizadores desse projeto. Ela [a revista] abria espaço para o futebol em todo o país, inclusive no Amapá – relatou João, dizendo ainda, cheio de orgulho: - Já pensou a gente escrever que o Ypiranga venceu o Guarany e isso virar uma notícia nacional? Então foi muita emoção– relatou, emocionado.

A revista Placar quando chegava para ser comercializada no estado, segundo o jornalista, as pessoas seguiam para a “Banca do Dorimar” para garantir o seu exemplar.

- Não era notícia grande, as vezes a gente conseguia uma meia página. Quando o Macapá foi o primeiro campeão do Copão, eu botei a fotografia do Macapá na Revista Placar. As pessoas iam às bancas para

ficar acompanhando. Muita gente tem coleção da revista por aí. O futebol era a paixão da época. Como eu disse, foi feito um trabalho de mídia da Rádio Educadora principalmente, que colocou o futebol para cima, o povo ia para a rua mesmo. Os clássicos eram, primeiro Ypiranga e São José, depois Macapá e Amapá, Santana e Independente – lembrou João Silva, que fez questão de mencionar ainda sua passagem pela revista Veja, momento do qual ele também se apropriou para dar visibilidade ao Amapá.

Uma reportagem que escreveu para a Revista Veja, na década de 70, marcou muito a trajetória de João. O assunto era a Reforma Agrária. Ele relata que na época, era uma dificuldade tremenda receber orientações sobre como redigir a matéria, claro, porque não havia livre acesso à internet ou ao telefone celular como temos nos dias atuais.

- Nós publicamos uma matéria sobre a reforma agrária no Amapá que repercutiu nas páginas da Revista Veja nessa época. Preparamos o material e mandamos para a revista. O trabalho era muito complicado porque não tinha, naquela época, a facilidade de telefones que tem hoje. Eu tinha que pedir o telefone para o presidente da Câmara [Municipal] para falar com o editor da Veja lá em Recife, as vezes Rio de Janeiro ou São Paulo. O contato era feito por telefone e telegrama. A gente recebia muito telegrama com orientações deles de como deveria ser o trabalho – descreveu João, sorrindo e olhando, enquanto falava, para o seu aparelho celular, que estava na sua frente, em cima da mesa de centro da sala.

Experiência na TV

Resumidamente, João conta como se deu a implantação da TV no Amapá, momento que ele presenciou e, posteriormente, passou pela maior emissora televisiva do estado, a TV Amapá.

- Na época o Governo queria implantar, mas não havia empresa que quisesse pegar o sinal. O sinal começou a funcionar provisoriamente na Rádio Difusora. Depois ofereceram [o governo] para o Phelippe Daou,



a implantação da TV. Como ele já estava na área, era um empresário grande, que tinha interesse em fazer uma rede de televisão com a expressão que tem hoje a Rede Amazônica, ele viu nisso uma grande oportunidade. Aí o governo mandava o Alberto Uchôa, que era secretário de governo ir até Manaus, até que foi fechado o negócio. O governo já tinha comprado os equipamentos e ele acabou criando a TV Amapá – lembrou João Silva.

Neste momento o irmão de João interrompe a entrevista e pergunta se somos estudantes de jornalismo. Ele pede a chave do portão a João. Ele abre o portão, pega algo, fala mais alguma coisa, e permanece por lá, ouvindo de longe o que conversávamos.

- Depois eu fui para a TV Amapá, acompanhando o mesmo grupo de jornalistas que trabalhavam na Rádio Educadora. Foi uma passagem muito importante da minha trajetória como jornalista – diz João, mencionando que anos depois, mais precisamente de 1986 a 1989 ele foi nomeado diretor de jornalismo da emissora, que na época era dirigida pelo seu companheiro de longa data, Luiz Melo.

- Eu tenho um companheiro aí que trabalhou em muitos governos que diz que quando a gerência da TV Amapá tinha que ser trocada, os caras iam lá com o governador perguntar quem era que deveria ser indicado. Quando eu fui diretor de jornalismo da TV Amapá o governador era o Nova da Costa, mas ele nunca influenciou no nosso trabalho, nós não permitimos. O diretor da TV, que era o Luiz Melo, dava liberdade para a gente fazer um jornalismo com independência – enfatizou Silva.

A vinda de Garrincha ao estado, foi uma pauta que marcou muito a passagem do jornalista pela TV.

- Eu era funcionário da TV Amapá e ligado ainda à Rádio Educadora e à Associação dos Cronistas. Trouxemos ele aqui. Foi uma grande emoção, lotou o Glicério. Havia uma crise com a coordenação de Des-



porto daquela época. O diretor era o Wilson Sena, ele não queria dar a data para que a gente fizesse o jogo e aí nós fizemos em um domingo de manhã. Encheu o estádio – narrou o jornalista, com os olhos brilhando.

A TV no Amapá e os causos engraçados

João se empolgou quando perguntamos a ele o que recordava de engraçado que aconteceu quando a TV Amapá (1974) já estava em atuação no estado. O Jornalista lembra, com direito a risos sutis à gargalhadas, que, antigamente, as famílias tradicionais de Macapá tinham pessoas que faziam mandados a eles, além de serviços de limpeza e outras coisas braçais. Sua família, aliás, a família do Sr. Duca Serra (isso mesmo leitor, o pai de João Silva é o que deu nome à rodovia) tinha um colaborador chamado “Bode”. Não, você não leu errado, era esta mesma a alcunha do rapaz.

- Ele vivia por aqui fazendo mandado. Ele tinha amizade aqui com a nossa família e com a família Serrano. Quando a TV Amapá chegou e nós entramos na TV Amapá, eu, Humberto Moreira e o Guilherme Jarbas. A gente apresentava lá o programa “A Bola é nossa”. Os jogos da Copa do Mundo de 74 chegavam aqui através de tapes.

Aí, conta o jornalista, uma turma de amigos se juntou para assistir um dos vídeos tapes da copa que haviam chego de Belém. Bode foi junto com o grupo de amigos, para cuidar de fazer o fogo para o churrasco e arrumar o que mais houvesse.

- Eles foram ver esse vídeo num sítio que tinha aí onde é a Rodovia Duca Serra hoje. Levaram uma televisão, mas não disseram nada para o Bode que tinha chegado a televisão a Macapá – lembrou o jornalista.

Ao ouvir este trecho da conversa, onde mencionamos o pai, o irmão de João Silva interrompe o papo mais uma vez. “Diz para elas que o Duca Serra era nosso pai”, falou o jovem senhor. João fica ranzinza e



resmungando, respondendo ao irmão que ele já havia nos contado isso. Sem perder o fio da meada, João prossegue com a história. Bode estava fazendo o fogo, distraído. Quando virou, conta João, viu aquela caixa com um brilho grandioso. O Bode então aproximou-se para ver melhor do que se tratava aquela coisa estranha. O melhor de tudo foi ver João descrevendo e gesticulando a reação de Bode ao vê-lo “dentro” da caixa (TV).

- Quando ele ficou na frente da televisão, me viu. Esse homem se desesperou... se desesperou – falou João por duas vezes - botou a mão na cabeça e disse para o Marlindo Serrano: meu amigo, Marlindo pelo amor de Deus, o que é que o João Souza – Bode o chamava de João Souza - filho do Duca Serra está fazendo dentro desta caixa – amigo leitor, nesse momento não sabíamos se ficávamos com dó de Bode ou se acompanhávamos João nas gargalhadas enquanto lembrava do desespero de Bode ao ver aquela “coisa” ligada.

- Foi preciso segurar o homem. Aí é que foram explicar para ele que aquilo era uma televisão e que ela havia chegado ao Amapá – disse o jornalista em meio a muitas risadas.

Reconhecimento da população

- A gente que fazia televisão era conhecido em toda a cidade. Era muito aconchegante, a cidade era pequena e a televisão era uma novidade. O cara que trabalhava em televisão e trabalhava em rádio era um artista – lembrou João Silva, quando perguntamos se as pessoas o reconheciam nas ruas pelo trabalho exercido na TV.

O antes e o hoje

Com um semblante mais sério e questionador, começamos a encaminhar a entrevista para os momentos finais. Uma indagação que fizemos não só à João, mas também a todos os jornalistas que entrevistamos para compor estas linhas que escrevemos, foi a de comparar o jornalismo



dos anos 70 com o que é praticado atualmente.

- Naquela época havia mais respeito ao ouvinte, ao telespectador. A notícia era apurada com mais critério, com mais responsabilidade. As emissoras de rádio tinham linha editorial, o que hoje não existe, o que vale é grana.

Sem temer a nossa interpretação, autêntico e com opinião formada, João menciona ainda que: - O governo pega a verba dele de publicidade e usa toda na comunicação, para criar uma realidade a favor dele. O Brasil precisa melhorar muito neste aspecto.

A questão da programação é um outro ponto citado por João. Segundo ele, as emissoras atualmente estão sendo loteadas.

- As pessoas compram um espaço e fazem os programas. Quer dizer, não tem qualidade, a emissora não tem uma programação de verdade – disse o jornalista, que ainda lembrou como era o processo de admissão antigamente - Eu me lembro que o processo de admissão de radialista na Rádio Educadora era muito rigoroso. Havia um recrutamento primeiro, depois um treinamento e no final aprovava aqueles que a direção do processo, que era um jornalista experiente, achava que tinha condições de trabalhar na rádio. Primeiro o cara tinha que entender qual era a proposta da rádio, que era informar, divertir e educar. Era o lema da rádio – justificou o João, com ar de inconformismo, ao expor os rumos que o jornalismo tomou, ao seu ver.

Como exemplo, João utiliza ainda as rádios comunitárias, que segundo ele não estão mais nas mãos em que deveriam estar: do povo.

- Por exemplo, a questão das emissoras comunitárias. Uma belíssima ideia, mas os políticos transformaram em uma ideia ruim, por que eles se apossaram destes meios de comunicação para eles se sustentarem na política, para enriquecerem – ressaltou o jornalista.

No jornalismo do passado, menciona João, não havia jornalista “jabazeiro”. Este era um dos maiores orgulhos da época, para ele.

- O que as pessoas sempre falam e fazem referência é o jeito que se fazia rádio, jornal e televisão naquela época, apesar dos pesares. A gente fazia jornalismo com amor, levava a sério, as pessoas são reconhecidas até hoje por causa disso. Não se envolviam em escândalo de venda de notícia, porque lista de jornalista jabazeiro, está cheia a [hoje]í. Nós [os jornalistas das antigas] nunca figuramos uma lista de “jabazeiros”, nós sempre procuramos manter distância dos políticos – orgulha-se Silva.

Novos caminhos

João define-se, sobretudo, como um jornalista amapaense apaixonado pelo seu estado, pelas histórias locais, pelos monumentos locais, pelas pessoas desta terra. Atualmente aposentado, ele continua escrevendo crônicas e demais textos de cunho jornalístico, mas de forma independente. As redes sociais têm sido uma válvula de escape e de constante progresso em sua vida. Há os prós e contras quanto a evolução do jornalismo e ele, garante, faz bom uso da ferramenta.

- Hoje eu posso escrever sem amarra nenhuma, sem censura nenhuma. Eu consagrei a minha atuação no jornalismo na defesa da minha terra. Eu escrevo muito sobre a cidade de Macapá. Sou cronista também. Sempre estou tratando de patrimônios históricos da cidade de Macapá, do estado do Amapá – descreveu Silva.

Perguntamos, Silvia Andréa Maciel e eu, se ele sente falta de atuar nos meios convencionais. Muito cheio de personalidade e firme na fala, o jornalista relata que: - Não sinto falta de estar atuando. É uma coisa natural da vida, você vai se recolhendo – disse.

Mas João, mesmo com a aparência de “durão”, nos deixou a im-



pressão de um coração enorme, que ainda pulsa fortemente quando fala sobre as ondas do rádio, principalmente. Ao questionarmos qual o meio mais próximo ao público, sem hesitar, João responde:

- O rádio penetra, vai longe. Onde a televisão não pode ir ele vai, a qualquer hora do dia ou da noite. O rádio e televisão estão navegando na internet também. Já a internet é uma folha de papel que está se expandindo para todos os lados e a gente não sabe onde vai chegar – disse o jornalista, de forma até poética, encerrando uma entrevista repleta de aprendizados e sorrisos.

João é o tipo de pessoa “casca grossa” por fora, mas que muito nos ensinou sobre a história que buscamos desvendar junto a você, caro leitor, sobre o jornalismo que está em constante evolução, transformação, adaptação, que é a paixão da vida daqueles que o escolheram, o adotaram para si.

Capítulo 7 - Pequenos retalhos de vida

O Jornalismo na década de 70 é marcado pela implantação do sinal de televisão na cidade de Macapá, ocorrido no ano de 1974. Nesta década estavam em pleno funcionamento os três meios de comunicação: jornal impresso, rádio e televisão, responsáveis por levar notícias, informações e entretenimento a população local.

As memórias dos amapaenses que vivenciaram esta época estão tão vivas quanto as dos personagens principais que você já acompanhou no decorrer deste livro.

Neste último capítulo, apresentamos pequenos relatos que narram e revivem lembranças desta época: a emoção, a influência, a saudade, a realidade. E não podemos esquecer de dizer a você que aqui teremos também pequenas homenagens aos profissionais do jornalismo que já se foram, mas que deixaram sua marca na história do jornalismo e na mente dos colegas de profissão.

Esperamos que vivam essas memórias junto conosco.

As ondas que interligam pessoas

Edite Bispo Correia é uma senhora aposentada, que veio com a família no ano de 1967 do Pará para o Amapá, acompanhando o pai, que lecionava na época. Lúcida e muito bem-disposta aos seus 83 anos, com cabelos completamente brancos, meio escondidos com a redinha de crochê na cabeça, óculos redondos com grau alto, blusa estampada com a saia combinando e uma sacola de comida nas mãos, conversou com Eloisy Santos em meio às roupas de uma lojinha que pertence à mãe da autora.

A jovem senhora conta que logo quando chegaram ao Estado [ela junto aos seus filhos, pais e irmãos] não tinham um aparelho de rádio. Algum tempo depois que o pai comprou e enquanto ajudava a mãe nos serviços de casa, ouvia uma coisa ou outra.

- A gente vivia mais em luta de trabalho. E quando meu pai conseguiu trazer um rádio para nós, aí nós passamos a ouvir música e novela. Mas daí eu não fui muito dedicada [referindo-se a ouvir] porque eu vivia ajudando a minha mãe.

Uma recordação muito latente dela sobre a década em questão deste livro, é de anos depois, quando passou a trabalhar nas montanhas do Cassiporé, no Norte do Estado, para sustentar os filhos depois que seu pai faleceu, ele e sua mãe lhes ajudava a cuidar dos filhos, pois ela era mãe solteira.

Tendo deixado seus filhos na capital para garantir o seu ganho-pão, e em meio ao serviço pesado, recebeu, pelas ondas do rádio, uma mensagem sobre a filha enferma. “Eu, nas montanhas de Cassiporé, quando me embrenhei na mata, comprei um radiozinho assim – gesticula mensurando o pequeno tamanho do aparelho - e botava na sacola. Aí a minha filha adoeceu aqui [em Macapá] e o rádio [referindo-se ao locutor



emissor da mensagem] me avisou, de madrugada. Eles falavam tudo.

E segue, tentando reproduzir exatamente o que ouviu, naquele dia:

- Lá para mim a mensagem caiu assim: ‘Alô, alô, dona Edite, no garimpo do Lourenço aonde se encontra, venha urgente a Macapá que sua filha tá no caminho da morte’. Já pensou esse choque que eu peguei? Aí eu fiquei assim – fica parada, calada, como que em estado de choque –, com uma dor de cabeça! – descreveu a aposentada, mencionando ainda o nome do radialista que narrou a notícia, segundo ela, conhecido como “Pai Velho”.

“Comecei minha carreira como delegado de polícia, era conhecido por dar castigo aos prisioneiros com leitura”

É isso que afirma Professor Munhoz, como é mais conhecido. Ele é uma figura histórica e popular viva da cidade de Macapá. Seu nome completo é Antônio Munhoz Lopes e no auge de seus 85 anos ele nos recebe em uma pequena sala localizada na Confraria Tucuju, localizada atrás da Igreja São José de Macapá, em frente ao Largo dos Inocentes, popularmente conhecido como o ‘Formigueiro’.

Inicialmente nosso encontro aconteceria na Biblioteca Pública Eucy Lacerda, onde o professor Munhoz passa a maioria de suas tardes, isso quando não está na Rádio Universitária da Unifap 96.9FM apresentando o programa ‘Artes das Artes’. Infelizmente me plena tarde de uma segunda-feira, a Biblioteca estava fechada sem qualquer aviso, ele então pediu auxílio da Confraria, que abriu as portas e nos recebeu para iniciarmos nossa entrevista.

Sentamos e vemos a nossa frente um senhor muito educado, tranquilo e muito sorridente, que logo começa a falar sobre si mesmo. Ele abre uma pasta com muitos documentos e recortes de jornais, revistas, tudo mencionando sua vida, sua trajetória e seu trabalho.

Entre tantas informações pessoais tentamos trazer a entrevista para o nosso foco principal, sua vida na comunicação, mas Professor Munhoz, apesar de muito lúcido tem certa dificuldade com datas e detalhes que são importantíssimos para nossa narrativa, mas mesmo assim ele não poderia faltar neste projeto.

Ele nos conta que já foi delegado de polícia e que devido a sua bela voz foi levado ao mundo da comunicação.

- Eu comecei minha carreira como delegado de polícia, era conhe-



cido por dar castigo aos prisioneiros com leitura. Eles eram obrigados a ler. – ri meio sem jeito frente as lembranças.

Quando questionado sobre o cenário das notícias locais que envolvem a década de 70, as memórias lhe são vagas, mas insistem em se fazer presentes. Mesmo sem datas específicas ou cenários detalhados, o professor Munhoz divide conosco o que lembra.

- As notícias eram as mesmas, todo o tempo as pessoas eram ávidas por informação. A imprensa sempre teve um lado positivo e um lado negativo, existiam pessoas que não tinham compromisso com a verdade e publicavam inverdades. Certa vez eu tava de plantão, e me disseram: ‘olha, doutor Munhoz, tem um senhor aí fora todo rasgado, sangrando, que quer falar com o senhor’. Era o tenente Pessoa. Ele me contou que vinha caminhando quando uma matilha de cães veio para cima dele e o rasgou todo. Eu tive que levá-lo ao hospital para fazer curativo. Todo tipo de coisa podia acontecer na cidade e virava notícia.

Aquele senhor baixo, de andar lento, cabelos grisalhos e óculos quadrados simples, continua nos contando sobre sua vida. Acostumado a ser reconhecido pelas pessoas devido a seu trabalho no rádio, ele conta que muitos o chamam de o “professor da rádio”, fazendo alusão ao seu atual trabalho na Rádio Universitária da Unifap, onde apresenta o programa já mencionado ‘Artes das Artes’, ao lado do também professor Rostan Martins e de outros profissionais convidados, todas as sextas-feiras das 17h às 18h. Com muita animação, desenvoltura e conteúdo vasto. Eles conduzem o programa com maestria, de forma divertida, lúdica e informativa.

- Sempre tive uma relação muito próxima com a comunicação. Tive durante muitos anos um programa chamado “A grande música de todos os tempos: um programa de classe para um ouvinte de classe”, com música de qualidade, as mais clássicas. Eu sempre trabalhei na rádio, acho



que já fazem 57 anos.

E continua:

- Quando eu vim para o Amapá eu já fazia um programa em Belém de 6 horas, e as pessoas diziam que eu tinha uma voz muito bonita, então fui chamado para fazer rádio aqui também. Inclusive fiz um programa de televisão logo que ela foi instalada aqui, era sobre sociedade, não lembro exatamente o nome, mas era um programa sobre a sociedade, na década de 70.

“Não havia indicação de quem foi, quando foi, onde e quando eram os bodes expiatórios, esses sim tinham os nomes divulgados”

É o que diz o escritor, advogado e pesquisador Dorival Santos quando questionado sobre o cenário da comunicação na década de 70, no Amapá. Ele confirma o que outros personagens já haviam dito: - A televisão nasce em 74.

E continua sua narrativa explicando que seu trabalho de pesquisa é focado no período em que a sociedade amapaense não conhecia a televisão.

- Nesse período da década de 70 havia duas rádios, a Educadora e a Difusora, uma vinculada a primazia (neste caso, o entrevistado utiliza a palavra primazia como referência à Igreja Católica) de Macapá e a outra era a rádio oficial. Havia também o jornal Estado do Amapá que era o Diário Oficial do Estado, era um jornal do governo do Estado no qual ele se servia de Diário Oficial, mas em síntese era um jornal de circulação de notícias e é claro, o Jornal a Voz Católica também da primazia católica.

Com tranquilidade e muita confiança em suas palavras é possível perceber que tais conhecimentos que agora são divididos conosco são frutos de muito estudo e pesquisa. Dorival ainda menciona periódicos que você leitor, se chegou até aqui, neste último capítulo, já deve conhecer, como a Folha do Povo que segundo nosso personagem ‘foi empastelada durante os primeiros dias da ditadura e de certo se tornou inviável nos anos 70’, acredito que a palavra empastelada que ele usa, nada tem a ver com um delicioso pastel, mas sim com o fato de que o jornal foi parado, interrompido....

E continuando...



- Logo, aquilo que podemos chamar de imprensa aqui era o jornal Amapá, a rádio Difusora e a Educadora, basicamente isso, o resto se comunicava pela rádio cipó, como a gente costuma dizer, e por um ou outro panfleto.

Mais uma vez é notório que as pesquisas de Santos são aprofundadas e muito claras. Ele possui anos de pesquisa e fala com propriedade sobre o assunto. Quando questionado sobre os tipos de notícias que circulavam na época, ele não demonstra não possuir dúvidas e afirma: - As mais divulgadas eram as versões oficiais, sempre.

Ele ainda acrescenta que as informações divulgadas na época eram muito imprecisas e voltadas para determinados interesses.

- Não havia indicação de quem foi, quando foi, onde, quando tinha indicação de quem foi, eram os bodes expiatórios, esses sim tinham os nomes divulgados, quando presos e encaminhados a Belém.

O papel opositor da Radio Educadora também é presente nas pesquisas de Dorival. Ele ressalta que mesmo com a Ditadura Militar em pleno funcionamento e censura, a Rádio pertencente à Igreja Católica rompia as barreiras e até mesmo oferecia abrigo aos contraventores da Ditadura.

- Na rádio Educadora e na Voz Católica eles abrigavam muito os chamados comunistas, então havia muitos radialistas nesta condição que foram presos. Lá eles publicavam de vez em quando textos sobre política.
- Finaliza.



Hélio com 'H' de homenagens



Começamos este relato com as palavras de outro profissional da comunicação e escritor, o Fernando Canto. Em seu blog Canto da Amazônia é comum encontrar menções a Hélio Pennafort, a quem admirava muito. As autoras não conheceram Hélio, o que sabem é por meio de pessoas que o conheceram e o admiraram, assim, falar de alguém com quem não tivemos contato de nenhuma forma, é uma tarefa maldosa, mas no texto de Fernando Canto encontramos definições que nos ajudaram a vislumbrar este profissional e esperamos que ajude você também, caro leitor.

- Muitas vezes publiquei sobre a obra do Hélio por considerá-lo um narrador excepcional das coisas da nossa gente. “Triste como um tamaquaré no choco”, “foi cocô de visagem” eram expressões do homem interiorano que ele usava no dia-a-dia. Para qualquer objeto ou situação complicada chamava “catraççal”. Vivia contando anedotas de caboclo se divertindo a valer com elas. Era extremamente sincero com seus amigos e não guardava o que tinha de dizer. Apesar de ter exercido inúmeros cargos importantes no Governo, tinha lá suas fraquezas e de vez em quando fugia do expediente para ir ao Abreu ingerir uma gelada, mas era também grave e sério nas suas responsabilidades. – Conta Fernando Canto em seu blog Canto da Amazônia, no texto intitulado “Outras Histórias do Hélio e o Novo Livro da Alcinéa” que você pode conferir na íntegra no endereço: <http://fernando-canto.blogspot.com.br/2009/08/outras-historias-do-helio-e-o-novo.html>

Essas palavras combinam perfeitamente com o que Edgar Rodrigues nos conta durante a entrevista para produção do capítulo bibliográfico destinado a ele, quando ele tece diversos elogios e desvenda um pouco de quem era o saudoso jornalista Hélio Pennafort, como você deve ter percebido ao ler o referido capítulo.



Aqui ressaltamos mais algumas palavras de Edgar sobre Hélio, pois homenagear um profissional deste porte nunca é demais.

- Ele acima de tudo falava a linguagem do caboclo. Entendia e se fazia entender. Ah! E eu acredito que esse é o grande desafio do jornalista: fazer um texto que toda a população entenda. A sabedoria caminha neste sentido também, pois ela não é você falar difícil, mas sim você explicar de maneira fácil e simples aquilo que os outros não entendem. A sabedoria é o oposto do que a maioria imagina.

Edgar ainda acrescenta que, em sua percepção, é nestas características marcantes de Penafort que está a mágica do jornalismo.

- Ele conseguia um dos maiores desafios de ser jornalista: passar de maneira simples um texto que todo mundo entenda. Pode parecer fácil, na teoria, mas não é. Falar simples é difícil, apesar do Hélio fazer parecer que não era.



*Saudade: Com a palavra a filha do
saudoso Hélio Pennafort*



Você já leu um pouco neste livro sobre o saudoso jornalista Hélio Pennafort no capítulo de Edgar Rodrigues, lembra? E é claro, no texto que você acompanhou na página anterior, mas não satisfeitas, procuramos a filha de Hélio, Héliida Pennafort, para contar um pouco mais sobre o ele. Ela confirma as palavras de Edgar Rodrigues.

Apesar das poucas palavras, Héliida faz questão de dividir um pouco o respeito que tinha pelo pai e ainda tem por suas memórias. Ela nos conta que Hélio não tinha preferência por um veículo de comunicação específico. A única coisa que ele fazia questão era de ter liberdade para escrever sobre o homem nativo, seu habitat, sua cultura.

A filha, que desde pequena admirava o trabalho do pai, reitera que este nunca tentou esconder suas origens e que, por isso, dava voz ao caboclo amapaense e disseminou, por meio de suas obras, um Amapá ainda não desenvolvido à época, mas rico de tudo o que o dinheiro não pode comprar.

- Penso que daí vem sua peculiaridade: foi dar voz ao caboclo amapaense. Naquela época a Amazônia não tinha o reconhecimento nacional e internacional que temos hoje. Éramos uma região conhecida por seu subdesenvolvimento. Os indígenas, os caboclos eram vistos como sinônimo de atraso. E o papai reconheceu desde sempre o verdadeiro valor dos indígenas, dos caboclos, dos habitantes das regiões que hoje chamamos de quilombos. Nunca teve vergonha de assumir sua regionalidade, pelo contrário, tinha muito orgulho disso. Acho que dar voz às minorias foi a principal contribuição do papai para o jornalismo.

.....
*“Eu fui umas quantas vezes na rádio, falei
para o rapaz lá e ele escreveu para mim, porque
eu não sabia escrever”*
.....

Francisca Trindade de Lima era analfabeta na década “setentinha” e quando queria mandar um recado para algum parente no interior, se deslocava até a Rádio Difusora e ditava para o atendente a mensagem que ela queria passar. Mensagem esta que depois era emitida pelo locutor, até chegar onde dona Francisca desejava, como em Salvadorzinho, no Afuá. Ela nasceu nesta localidade, no ano de 1951 e veio para Macapá com 8 anos de idade, com seus pais.

- Eu mandava fazer uma cartinha porque nesse tempo eu não sabia ler e nem escrever. Aí eu levava lá e eles anunciavam: fulano de tal, no interior tal, receba essa mensagem que a dona Francisca está mandando, tudo por aqui está bem, graças a Deus. Mandei um recado para a minha vó que morava ainda no interior, no município de Afuá. Ela estava preocupada.

Além de mandar notícias para os familiares, dona Francisca gostava de ouvir o que as outras pessoas também mandavam para os seus. Enquanto trabalhava, não largava o aparelho que conseguiu comprar com o pouco que ganhava na época, lavando e passando roupas “para fora”.

- Eu lavava muita roupa “para fora”, mas com o radinho do lado. Enquanto tinha dinheiro para comprar pilha o rádio estava ligado. Era aquela coisinha minúscula que tinha horas que a gente ouvia, tinha horas que não ouvia, porque não dava para comprar o grande -, quanto menor o aparelho, menor a qualidade na recepção do sinal. O dela, conta, cabia na palma da mão: - Era maior que uma caixa de fósforo dessas grandes, sabe?! - Comprou.

Além das mensagens, dona Francisca gostava de ouvir música e acompanhar a programação católica. De tardezinha, ela rezava a Ave Maria junto com o locutor: - A gente tinha o hábito de todo dia escutar aquelas novenas que eles botavam na rádio. Aproveitava e fazia uma oração.

.....
.....
*“Cinco horas da manhã eu ligava o rádio, aí
ouvia o programa da manhã, de notícia”*
.....
.....

Manoel Torenttino Lima aos seus 75 anos é autônomo, viveu na década de 70 no bairro Beiril, em Macapá. Simples e muito conversador, recebe Eloisy Santos em sua casa em uma noite de quinta-feira.

Vem da sala para o pátio sem camisa, com um short azul marinho, arrumando o seu aparelho de surdez para conseguir escutar o que lhe seria perguntado. Óculos de grau no rosto, cabelos completamente brancos, circunferência abdominal avantajada, sorriso quase sem dentes na boca, mas um sorriso daquele bem largo, que exala receptividade e boa vontade em ajudar a acadêmica que vos fala.

Logo no início do papo deixa claro que até hoje não é amante [e nunca foi] do jornalismo impresso: - Olha, para te falar a verdade eu nem gosto de ler. Para pegar assim [gesticula como se estivesse pegando um exemplar na mão] é muito difícil.

Sendo assim, já encaminhamos a conversa para outro meio: o rádio. Ah, esse sim ele gostava. Isso mesmo, gostava, principalmente ao acordar. Usei o verbo gostar no passado, caro leitor, e você já vai entender o porquê:

- O meu aparelho de rádio era pequeno, de madeira, movido a pilha. Aquilo era um conforto para a gente, Deus o livre. Cinco horas da manhã [acordava para esperar o padeiro, que passava de casa em casa] eu ligava o rádio, aí ouvia o programa da manhã, de notícia. Era notícia do dia a dia, da cidade. Não existia essa criminalidade que existe hoje, né... que você “abre” o rádio de manhã e já tá “dando” notícia que mataram tantas pessoas – relata, fazendo um comparativo com o conteúdo veiculado nos dias atuais nos programas de rádio, que ele deixa transparecer não

gostar e, portanto, já não se apega tanto ao aparelho que lhe fazia companhia antigamente até a meia noite, quando terminava a programação.

Quando chegou o sinal de televisão aqui no Estado, seu Manoel lembra que se passaram cerca de quatro anos até que ele e sua família pudessem ter uma em casa. Segundo ele, as “faixas” [referindo-se aos canais] eram trocadas no botão, não havia controle remoto. Tinha as de madeira que eram grandes e as que ele denomina como portáteis, um pouco menores, ambas com imagem em preto e branco.

- A minha mulher trabalhava de empregada para uma senhora, aí quando a patroa comprou uma [televisão] mais moderna um pouco, ofereceu essa [a menos moderna] para a minha mulher. Era preta e branca. Aquilo era muito boa, Deus o livre, era uma novidade.

Ele relata que passava muito tempo fora, por volta de quatro meses viajando, vendendo produtos e comprando, lá para as bandas de Oiapoque e Caiena. Quando estava em casa gostava de assistir os jornais, já a sua esposa, adorava as novelas.

- Hoje você não vê uma notícia boa. Eu não assisto mais jornal, porque o que dá de manhã, dá de uma hora [da tarde] e dá de noite. É a mesma coisa. Se eu pudesse voltar no tempo seria melhor ainda – novamente comparando o hoje e o antes e deixando explícita a saudade de tempos que não voltam mais.

Em 74 quando foi transmitida a copa do mundo, ele estava em casa. Lembra que os que não tinham o aparelho se juntavam na residência de quem tinha para ver a seleção jogar e vibrar a cada lance.

- Era “muito pouca” gente que tinha televisão, Deus o livre! Todo mundo assistia assim, na casa de vizinhos. Naquela época a gente confiava nos vizinhos – ironizou e eu sorri - Era o tempo do Pelé, Garrincha,



Zagallo. Esse tempo não volta mais, nunca. Era uma alegria. Nossa seleção era em primeiro lugar mesmo, era respeitada – concluiu Manoel, deixando no ar, por meio do olhar e do semblante de saudade que vira e mexe estampava o seu rosto, que o patriotismo era maior naquela época e o amor pelo futebol também, assim como a tranquilidade e beleza da vida que se levava aqui no Amapá, que ele gostava de ouvir nos programas de rádio ou assistir na televisão.



.....
Pseudônimos: marca registrada de Alcy
Araújo Cavalcante
.....

Alcinéa Cavalcante, uma das personagens deste livro, narra parte da história do pai, o grande jornalista Alcy Araújo Cavalcante, que chegou ao Amapá em 1952, mas já atuava em jornais como Folha do Norte e

O Liberal, no Pará. Ele veio para Macapá no governo de Janary. Junto a outros jornalistas da época, o pai de Alcinéa deixou sua marca. Muito envolvido com a cultura, ele divulgava notícias no mínimo inovadoras, meio ao jornalismo “enlatado” da época.

- O que é o Diário Oficial hoje, antes era chamado de Jornal Amapá. Um Diário diferente do atual, porque ao invés de vir só com portarias, possuía notícias relacionadas ao Governo. – E ela complementa: - Aí eles [se referindo ao pai e amigos que atuaram na produção do Diário da época] inseriam também outras notícias como as de cultura. Então se você for verificar o Diário Oficial daquela época, as páginas eram recheadas de notícias culturais – brinca a jornalista, com tom de orgulho, pois esse amor pela cultura local foi um dos legados deixados para ela pelo pai.

Alcinéa menciona que o pai foi redator e diretor da Rádio Difusora, além de escrever artigos e editoriais para outros veículos ao mesmo tempo. Uma grande curiosidade contada por Alcinéa, é que Alcy tinha vários pseudônimos.

- Tinha o Sérgio Burocrata que falava sobre funcionalismo público e questões administrativas; o Nelson Maruim que era um jovem rebelde, com textos mais leves. Tinha também o Alcimar Cavalera – cita ela, dizendo que estes eram só os que ela lembrava.

- O Nelson Maruim era um jovem meio rebelde que escrevia artigos e de vez em quando dava uma martelada no governo, ainda na Di-



fusora. Daí o governador chamava o diretor da Difusora e o diretor dizia que iria conversar com o Nelson. Ele passava uns dias quietos e quando era lá outra vez o Nelson Maruim dava mais uma “porrada”.

Quando questionada sobre o que fazia o coração de seu pai bater mais forte, na área jornalística, Alcinéa com muita convicção responde:

- O impresso. Apesar de ele ter trabalhado muito na Difusora e na Educadora, a paixão dele era o impresso. Ele ganhou prêmios. Tem uma reportagem dele: “Amapá: verde território da esperança” que ganhou prêmio em Belém – exemplificou, contando ainda que Alcy foi o primeiro jornalista do Amapá a ir a um Congresso de Comunicação, divulgando ainda mais o nome do Estado.

Como pai, claro, ela conta que Alcy era exemplar. Compreensivo, sempre pronto para dialogar, mestre-cuca, brincalhão e incentivador. Ela fazia questão de acompanhar suas reuniões de trabalho em casa, com os amigos jornalistas, enquanto escreviam ou faziam “sociais”.

- Só disse para mim uma vez: ‘Minha filha, jornalismo não dá dinheiro, então é bom ter uma profissão para se garantir e o jornalismo para ser o que você gosta’ – finaliza Alcinéa, reforçando a ideia de que este é um ofício, sobretudo executado com muito amor.

.....
*Um aparelho de televisão custava 1000 ou
150 cruzeiros? Continuamos sem saber*
.....

O cenário inicial era o corredor do bloco de jornalismo da Unifap, as autoras deste livro estavam conversando e esperando para serem atendidas para mais uma orientação do TCC, ou seja, orientação para produção do livro que você está lendo neste instante. Quando uma jovem jornalista em formação chamada Cassia Lima chega e começa a conversar conosco. Lembro que uma vez fui à casa dela, jogar conversa fora num fim de semana qualquer, e conheci sua mãe e seu pai, lembro deste momento em especial porque eles possuem mais idade, tiveram filhos cedo e Cassia apesar de muito nova, é uma das caçulas.

Então pergunto a ela se seus pais são amapaenses e se por acaso eles estavam aqui no Estado e na década de 70. Explico que estamos procurando pessoas com mais idade e que estavam no Amapá nesta época, tudo para compor o livro-reportagem, para minha felicidade as respostas a estas questões são todas positivas e Cassia pede que envie as perguntas que queremos a ela, que ela mesma as faria aos pais, pois eles não param muito em casa para que pudéssemos marcar uma entrevista. Topamos na hora.

Meses depois, recebo um belo áudio com as respostas às perguntas que já havia enviado a ela. No conteúdo, um belo casal concordando e discordando de alguns fatos.

O áudio começa com a voz de Cassia perguntando ao pai, seu José da Silva Lima, 65 anos, o que ele lembrava e então ouvimos o som de uma voz masculina forte, porém muito calma. Seu José afirma que uma de suas maiores lembranças era o anúncio do calendário oficial no rádio e dos aniversários.

- Toda a pessoa que fazia aniversário eles colocavam na rádio, hoje



em dia não tem mais isso. – Lamenta esboçando certa saudade destes simples anúncios.

Como não havia televisão na época, o rádio era sua maior fonte de entretenimento, ele e a esposa sintonizavam as frequências radiofônicas durante quase todo o dia, entre as atividades diárias e os momentos de trabalho fora de casa. O rádio era um grande companheiro da família.

- No rádio passava de tudo, jornal, notícias do estado e de fora.

Ao fundo começamos a ouvir mais nitidamente a voz de uma segunda mulher, é a mãe de Cassia, dona Maria Imaculada Dias Lima, 63 anos. Cassia questiona:

- E a televisão? Lembro que vocês me disseram que se reuniam na casa de alguém para ver.

Seu José não titubeia: - Não era todo mundo que tinha. Era alguns que comprava e o pessoal se reunia e assistia na casa dos outros, não era dentro de casa, as vezes era na janela ou a frente da casa do pessoal. As vezes ficava até 20 pessoas por encontro. A gente via mais era filme, porque logo que começou passava muitos filmes, principalmente filme de bang bang, faroeste

Dona Maria aumenta o tom de voz e contribui com a resposta do marido explicando onde eles viam para ver televisão:

-Ai no canto da igreja do Sagrado Coração de Jesus. A casa era do seu Hamilton, era um bocado de gente, botavam a televisão e a gente ficava tudo na frente da casa.

Seu José explica que a imagem era em preto e branco. A televisão era feita de madeira..



- Logo que entrou no ar, entrava 6 horas da tarde e saía 11 horas da noite. Ainda não passava jornal. Só quem tinha uma era funcionário público, gente com dinheiro. Ela era vendida no cruzeiro, mas era caro.

O pai de Cassia afirma que demoraram a comprar uma televisão para a família e que o valor investido seria de 1000 cruzeiros, mas sua esposa discorda:

- Não. Nossa primeira televisão custou 150 cruzeiro. Isso foi em 76. – Diz dona Maria, certa de sua afirmação.

- Não, era 1000 cruzeiros. – Contradiz seu José.

- Era 150 cruzeiro. – Já podemos ouvir um tom de voz mais irritado da mãe de Cassia.

- Não era. Era 1000. – Seu José não desiste e dona Maria finaliza irritada:

- Ah, sei lá, se era ou se não era.

Continuamos sem saber o real valor, mas torcemos para que o casal tenha feito as pazes depois.

As leituras de Domingo e os chuviscos da TV

Angela Maria Oliveira de Carvalho, hoje com 55 anos é Bacharel em Ciências Sociais, foi dona de uma livraria na cidade de Macapá e atua como mediadora de leitura no Tribunal de Justiça do Amapá, além de ser uma Contadora de Histórias que responde também pelo apelido de Angelita.

E todo esse amor e relacionamento com as palavras começou cedo, mais precisamente na década de 70.

Amapaense, nascida com orgulho na tradicional Maternidade Mãe Luzia localizada no centro da capital do Estado, ela conta que quando menina estudava no colégio Bartolomea, instituição ligada a religiosidade. Na época o colégio contribuía com a Rádio Educadora, nos programas de rádio.

Angela destaca sua participação no programa “Mini Gente”, onde era indicada pelas irmãs a fazer muitas leituras e apresentações.

- Eu era sempre convidada pelas freiras para ir participar desses programas que era dia de domingo de manhã, na rádio educadora. Eu lia as historinhas, era um programa de incentivo à leitura, ai quando fiquei maiorzinha, já não queria ir, já estava meio enjoada e tal

Foi neste momento que mudou de programa, começou a participar do “Juventude em Marcha”, por um período, também, sempre lendo alguma história, passando alguma informação do conteúdo do programa.

- Eu lembro das domésticas da minha casa ouvindo novela, lembro que acompanhava com elas. Lembro das moças de casa ouvindo as novelas e as músicas “Dentro do meu livro de leituraaaa”, (ela entoa o tre-



cho da música essas músicas eu ouvia muito na rádio). A minha infância não tinha televisão, lembro q a cantora era a Wanderleia, essas cantoras eu ouvia no rádio, a Vanusa, tem uma outra que eu não lembro o nome, mas o rádio fazia parte desse meu imaginário de ouvir músicas, e das pessoas que estavam ali por casa. Meu pai tinha taxi depois de um tempo e também ouvia o rádio no carro.

Apesar de sua relação longa com o rádio, questiono sobre a televisão, se a jovem menina ainda guardava alguma memória nítida daquele veículo de comunicação e recebo como resposta uma lembrança frustrante, como caracteriza a própria personagem.

- Muito engraçada a minha lembrança, por que meu pai trabalhou na companhia de eletricidade, então uma pessoa chefe comprou uma televisão e era uma das poucas casas que tinha e meu pai levou para a gente assistir televisão, eu fui com ele. Quando cheguei lá era chuvisco, chuvisco e nada. Nesse primeiro contato foi esse. Era só chuvisco e eu não via nada. Depois tinha uma novela que passou.....

Ela hesita pois não lembra o nome da novela, então ajudo e pergunto se era a “Meu Pedacinho de Chão” e ela vibra confirmando que era justamente esse o nome. Com imagens em preto e branco, ela acompanhou o folhetim, mas suas lembranças não são muito claras.

- Não demorou muito para gente ter a televisão, mas não foi no começo, só esse amigo do meu pai e foi essa decepção que falei.

EM MEMÓRIA DE...

Antônio Munhoz Lopes



Foto: Eloisy Santos

Por Silvia Andréa Maciel e Eloisy Santos

Um professor, delegado, um ser humano leve e bondoso, sorridente e simples, estas são algumas das características marcantes de Antônio Munhoz Lopes, ou simplesmente, Professor Munhoz como todos os conhecem.

Foi uma honra para as autoras deste livro tê-lo entrevistado e um pesar muito grande saber da sua partida.

Obrigada Professor Munhoz, por dividir um pouco de sua vida conosco durante a nossa divertida entrevista. Sua história se perpetuará na memória e no coração de quem o conheceu.

Hoje sua estrela brilha no céu e guia a todos, que assim como nós, tiveram a honra de conhece-lo!

Antônio Munhoz Lopes
1932-2017

Este livro foi composto
em Times New Roman
pela Editora da Universidade
Federal do Amapá

editora
da UNIVERSIDADE
FEDERAL DO AMAPÁ





UNIFAP
Editora

ISBN 978-855476027-4



9

788554

760274